



MARIA DE LOURDES DE PAULA AMORIM NUNES

**OS TEXTOS DA TRADIÇÃO ORAL NO PROCESSO
DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO SISTEMA DE ESCRITA:
PROPOSTAS PARA ALFALETRAR**

**LAVRAS-MG
2023**

MARIA DE LOURDES DE PAULA AMORIM NUNES

**OS TEXTOS DA TRADIÇÃO ORAL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO
SISTEMA DE ESCRITA: PROPOSTAS PARA ALFALETRAR**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

Professora Dra. Mauriceia Silva de Paula Vieira
Orientadora

**LAVRAS-MG
2023**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Nunes, Maria de Lourdes de Paula Amorim.

Os textos da tradição oral no processo de ensino-aprendizagem
do sistema de escrita : Propostas para o alfalettrar / Maria de
Lourdes de Paula Amorim Nunes. - 2023.

116 p. : il.

Orientador(a): Mauriceia Silva de Paula Vieira.

Coorientador(a): Rosângela Rodrigues Borges, Raquel Márcia
Fontes Martins.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Lavras, 2023.

Bibliografia.

1. Linguagem oral e escrita. 2. Letrar. 3. Alfabetizar. I. Vieira,
Mauriceia Silva de Paula. II. Borges, Rosângela Rodrigues. III.
Martins, Raquel Márcia Fontes. IV. Título.

MARIA DE LOURDES DE PAULA AMORIM

**OS TEXTOS DA TRADIÇÃO ORAL NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM DO SISTEMA DE ESCRITA: PROPOSTAS PARA ALFALETRAR**

**THE TEXTS OF THE ORAL TRADITION IN THE TEACHING-LEARNING
PROCESS OF WRITING SYSTEM: PROPOSALS FOR ALFALETRAR**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 16 de março de 2023

Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira - UFLA

Dr.^a Raquel Marcia Fontes Martins - UFLA

Dr.^a Rosângela Rodrigues Borges - UNIFAL

Professora Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira
Orientadora

**LAVRAS-MG
2023**

Dedico,
á todas as crianças que passam pelo processo de alfabetização em um contexto de práticas sociais da consciência fonológica, da oralidade e do letramento. E aos educadores que (re)conduzem, (re)constroem e (re)ensinam esse processo no dia a dia, pois em conformidade com Paulo Freire (2002, p. 52) “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo (Santíssima Trindade) por serem meu tudo e por terem me permitido viver esta oportunidade de crescimento acadêmico. Sem Deus eu nada sou! Agradeço também à minha Mãezinha do céu (Maria) e seu esposo São José. Os agradecimentos se estendem à Universidade Federal de Lavras (UFLA), juntamente ao Departamento de Educação e ao Programa de Pós-graduação pela oportunidade.

Aos professores de todo o programa pela troca de conhecimentos e experiências, os quais me proporcionaram contribuições imprescindíveis para meu crescimento profissional, meu agradecimento fraterno.

À Professora Doutora Mauriceia Silva de Paula Vieira, minha orientadora, pelo acolhimento, parceria, ensinamentos, disposição, sabedoria e, principalmente por ser alguém tão compreensível e humana, sempre firme, amável e motivadora. Grata pelos ensinamentos!

Agradeço também aos professores Doutores e colaboradores da banca, todo o meu carinho para: Rosângela Rodrigues Borges e Raquel Márcia Fontes Martins; à vocês que foram peças fundamentais, contribuíram muito com a experiência e agregaram valores e conhecimento à dissertação.

A todos os funcionários do DED/UFLA, por serem sempre solícitos e disponíveis para auxiliar-me em diferentes questões ao longo de todo percurso assim como a todos os alunos e familiares que passaram e passam pela minha caminhada enquanto educadora.

Ao colégio Vicentino Imaculada Conceição (CIC), irmãs de caridade, funcionários, amigos, educadores, alunos e pais que proporcionaram a prática e a realização do meu sonho de ser educadora diariamente.

A todos os colegas de caminhada que, por inúmeras vezes, contribuíram e compartilharam de momentos de aprendizagem e crescimento.

A minha família e familiares que se colocaram à disposição para me ajudar, demonstrando carinho e apoio em todas as minhas escolhas.

À minha filha Ana Beatriz Amorim Nunes que passa mais tempo comigo e muitas vezes com a sua paz de espírito me fortaleceu para continuar firme. E quando estava cansada ela dizia: “Mamãe, é seu sonho, é seu desejo” e assim, juntava minhas forças para caminhar rumo à conclusão das etapas do Mestrado. Obrigada minha amada filha por ser uma benção na minha vida. Eu te amo até o infinito e além!

Ao André e à Amora, os ranzinzas, o meu muito obrigada! Pelo sim e pelo não, a minha gratidão!

A minha mãe que me gerou com todo o seu amor e, hoje, mesmo em uma cama com Alzheimer, continua executando a função de mãe que não fala com palavras, mas com olhares de amor. Ao meu pai Vicente Amorim (*in memorian*), que sempre vibrava com todo o meu esforço e vontade de continuar estudando. “Brilha, estrelinha!”

Aos meus cunhados(as): Talma (*in memorian*), que já não está aqui conosco, mas há 30 anos me escreveu uma carta incentivando a estudar. Luiz que sempre apoia e ajuda! E Marta que sempre dá força na caminhada.

Aos meus sobrinhos(as): Ranielle, Lincoln, Pablo, Pietro, Patrick, Lorrane, Pietra, Eduína, Rosilene, Andressa, Gisele, Maria Angélica que são meus amores e filhos(as) do coração!

Aos meus amados irmãos: Maria José, Sandra e Paulo que sempre viam a minha luta, continuavam me incentivando e sendo suporte.

À minha grande amiga que o Mestrado me presenteou Antônia que sempre esteve comigo nessa caminhada, sempre pronta a ajudar, ensinar e ouvir minhas ideias e a minha falta de ideias. Você é uma amiga que levarei no coração e nas minhas orações para a vida, inteira, obrigada pela amizade e por todo carinho. Agradeço também a minha amiga Rosângela Memento pelas trocas e por sempre me motivar.

Aos amigos e conhecidos cujos nomes estão em meu coração, o meu muito obrigada por torcerem por mim em toda minha caminhada. Aos meninos do xerox... muito obrigada!

A todos que, direta ou indiretamente, torceram por mim e contribuíram para o meu crescimento. Gratidão é privilégio de quem vê a vida com o coração. Gratidão é a fé em ação!

Então! Gratidão a todos(as)! Obrigada!

“Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”. (Fernando Pessoa)

O conceito de alfabetização não esgotaria na aprendizagem da leitura e da escrita, ou seja, a aprendizagem da língua materna, quer escrita quer oral, é um processo permanente, nunca interrompido. Faz-se necessário diferenciar um processo de aquisição da língua (oral e escrita) de um processo de desenvolvimento da língua (oral e escrita), sendo este último, nunca interrompido. (SOARES, 2020, p.16)

RESUMO

Essa dissertação elegeu como tema “Os textos da tradição oral no processo de ensino-aprendizagem do sistema de escrita alfabética: propostas para alfalettrar”. Como objetivo geral, buscou compreender como os textos da tradição oral contribuem para o processo de ensino-aprendizagem do sistema de escrita com propostas para alfalettrar. Para alcançar esse objetivo geral, são propostos os seguintes objetivos específicos: (i) refletir sobre a contribuição dos textos da tradição oral como suporte pedagógico para alfalettrar; (ii) produzir um caderno pedagógico destinado ao professor alfabetizador com sugestões de práticas pedagógicas (propostas do alfalettrar) que favoreçam à apropriação do sistema de escrita, por meio dos textos da tradição oral e (iii) contribuir para o processo de formação de professores alfabetizadores, por meio da disponibilização do material pedagógico. O estudo foi fundamentado em teóricos como Soares (2004 a 2021), Freire (1996, 2002), Simões (2006), Castanheira (2009), Maciel (2009), Martins (2009), Cagliari (2004, 2010), Adams (2006), Vygotsky (1980), Naspolini (2009), Severino, (2017), Mortatti (2021), Magalhães (2019), Marcuschi (2001), Frade (2005), entre outros. Trata-se de uma pesquisa de cunho teórico, a partir da compilação de estudos realizados por outros pesquisadores. A pesquisa de investigação teórica, exploratória e qualitativa evidenciou a necessidade de propor situações pedagógicas que estimulem o aprendiz a refletir sobre a escrita alfabética, em um contexto de interação mediado pelas práticas de linguagem. As reflexões teóricas empreendidas para a produção do material didático evidenciaram três aspectos fundamentais para alfalettrar: 1) A formação continuada do educador, em especial o alfabetizador, é fundamental para que ele possa atuar em segmentos da educação infantil e nos anos iniciais. 2) A necessidade de se investir, na sala de aula, em ações lúdicas, concretas e sistematizadas, promovendo práticas sociais do letramento, da oralidade e da consciência fonológica em um contexto de alfabetização. 3) A relevância de consolidar habilidades e competências necessárias para o processo de aprendizagem da escrita alfabética, grafonêmica, por meio de textos das tradições orais.

Palavras-chave: Linguagem oral e escrita. Letrar. Alfabetizar.

ABSTRACT

This dissertation chose as its theme “The texts of the oral tradition in the teaching-learning process of the alphabetic writing system: proposals for alphabetizing”. of writing with proposals to alphabetize. To achieve this general objective, the following specific objectives are proposed: (i) to reflect on the contribution of oral tradition texts as a pedagogical support for literacy; (ii) produce a pedagogical notebook for the literacy teacher with suggestions for pedagogical practices (literacy proposals) that favor the appropriation of the writing system, through oral tradition texts and (iii) contribute to the training process of literacy teachers, through the availability of pedagogical material. The study was based on theorists such as Soares (2004 to 2021), Freire (1996, 2002), Simões(2006), Castanheira (2009), Maciel (2009), Martins (2009), Cagliari (2004, 2010), Adams (2006), Vygotsky (1980), Napolini (2009), Severino, (2017), Mortatti (2021), Magalhães (2019), Marcuschi (2001), Frade (2005), among others. This is a theoretical research based on the compilation of studies carried out by other researchers. The theoretical, exploratory and qualitative research evidenced the need to propose pedagogical situations that encourage the learner to reflect on alphabetic writing, in a context of interaction mediated by language practices. The theoretical reflections undertaken for the production of didactic material showed three fundamental aspects for literacy: 1) The continuing education of the educator, especially the literacy teacher, is essential for him to be able to act in segments of early childhood education and in the early years. 2) The need to invest, in the classroom, in ludic, concrete and systematized actions, promoting social practices of literacy, orality and phonological awareness in a literacy context. 3) The relevance of consolidating skills and competences necessary for the process of learning alphabetic, graphophonemic writing, through texts from oral traditions.

Keywords: Oral and written language. Literacy. Literacy.

SUMÁRIO

PREÂMBULO	11
INTRODUÇÃO	14
1. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E A APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA	18
1.1 Alfabetização e letramento.....	19
1.2 Consciência fonológica.....	25
1.3 A apropriação do sistema de escrita alfabética.....	31
2. ORALIDADE E ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA.....	43
2.1 Oralidade e escrita.....	43
2.2 A importância das tradições orais no processo de alfabetização.....	44
3. PERCURSO METODOLÓGICO	49
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE - MATERIAL DIDÁTICO.....	62
UNIDADE I: DIÁLOGO E ORIENTAÇÕES PARA OS EDUCADORES	64
UNIDADE II: HISTÓRIA DA ESCRITA	68
UNIDADE III: Consciência Fonológica.	75
UNIDADE IV- APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA	83
UNIDADE V - CONSCIÊNCIA DAS RIMAS E ALITERAÇÃO.....	90
UNIDADE VI: CONSCIÊNCIA DE SÍLABAS.....	103
UNIDADE VII: CULMINÂNCIA.....	110
PALAVRAS FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS	113

PREÂMBULO

Sou Maria de Lourdes de Paula Amorim Nunes, estudei toda a educação básica na rede pública, venho de uma família simples e que obtinha o necessário para viver. Sou a filha mais nova, meus irmãos já tinham perspectivas de estudo e isso me fazia ter também. Meus pais tinham a antiga quarta série e o lema do meu pai era dizer-nos que a riqueza que ele deixaria para nós, filhos, seriam os estudos e que ninguém tiraria de nós: a presença de Deus e o que aprendemos. A minha vida escolar iniciou-se na pequena Escola Estadual Higino José Ferreira, Correia de Almeida, município de Barbacena, MG. Esse distrito é um lugar pequeno, com um baixo número de habitantes, onde as professoras eram integrantes da própria comunidade. Ainda que viessem de fora, eram sempre de regiões próximas. Eu sempre respeitei e admirei minhas professoras como as detentoras do saber, eram exemplos para mim. Desde criança, sempre gostei de “brincar de aulinha”. Sentia-me realizada em um barracão no quintal da casa dos meus pais, fazendo dali uma escolinha. Mas, na escola regular, tive muitas dificuldades, pois era tímida e nunca perguntava. Tinha medo de falar e de expressar-me.

Esta pesquisa aborda o tema alfabetização e o meu interesse nesse assunto não é algo novo. Creio que iniciou quando passei pelo processo de alfabetização. Eu usava demais a imaginação e não compreendia tudo o que era exposto na sala de aula. Naquela época, para haver a aprendizagem, a metodologia utilizada era memorização e “decoreba”. Enquanto meus colegas estavam na repetição da família silábica, eu queria compreender cada parte. Mas não era possível, pois a professora precisava cumprir o planejamento e seguir com o conteúdo. É claro que eu não caminhava no compasso dos ensinamentos da professora. Fiquei de recuperação no primeiro ano do Ensino Fundamental, realizei as atividades propostas, consegui compreender quando a professora falou e explicou o conteúdo ao meu lado. Lembro-me de que escutei a professora cochichando com outra profissional, que chamamos de supervisora, que eu havia feito tudo, que não poderiam me reprovar. Segui para o segundo ano primário, feliz - pois amava a minha turma de escola - e ciente de que quase fui reprovada, mas recuperei. Naquele dia, tão pequenina, entendi que apresentava dificuldades e limitações, porém isso não me paralisou; segui sendo esforçada e aprendendo de uma maneira diferente, adquirindo conhecimentos, buscando compreender o que a escola podia me oferecer. E assim, nunca repeti de série e fui a primeira a entrar na Universidade e a pioneira a iniciar o Mestrado na minha família. Muitas vezes não aprendemos da maneira que o professor ensina, mas temos que encontrar à nossa maneira de compreender e interagir com o conhecimento que chega até nós. Sou exemplo de que se o querer estiver em alta, podemos aprender muito e melhor. E quem

aprende, de repente estará a ensinar. Aos 15 anos, saí de casa para estudar. Com a permissão dos meus pais, morei um ano com meus tios e depois consegui uma vaga em um internato, escola desejada. Colégio Imaculada Conceição, uma escola particular, situada na cidade de Barbacena, onde cursei o Magistério. Nesse Colégio, eu tinha uma rotina: na parte da manhã aconteciam as aulas do ensino regular, à tarde eu era monitora na Educação Infantil e à noite e aos finais de semana, colocava as tarefas em dia. Formei no curso de Magistério com 17 anos. Logo comecei a trabalhar, iniciei substituindo e depois ganhei uma turma de alfabetização. Aqui, chorei, (re)aprendi e cresci no campo profissional e pessoal. Nessa época, a escola iniciou um trabalho com o Construtivismo. Busquei formação e informação. Tentei aplicar a proposta construtivista e a minha busca ajudou muitas crianças. Mas 6 alunos não foram alfabetizados. Essa situação foi um divisor de águas. Eu pensei: Eu paro por me sentir incompetente ou sigo buscando aprender a aprender? Decidi seguir questionando e aprendendo com tudo o que acontecia pelo caminho, e foi uma atitude ótima, pois eu uso essa “alavanca” até hoje e percebo o quanto é necessário planejar a prática educativa com um trabalho pedagógico reflexivo, consciente e intencional, ou seja, saber o que queremos com o que planejamos e alinhar a nossa prática para que o aluno aprenda.

Bom, depois das lágrimas, eu decidi continuar, não importa o que a vida faz conosco; o importante é como vamos reagir diante das adversidades. Descobri, com o tempo, que as professoras mais antigas, da escola onde eu estava trabalhando, usavam o método que dominavam e assim as crianças aprendiam melhor. Não me culpo, cada um dá o que tem e eu, na minha pequenez e inexperiência, aprendi que existe um universo letrado para as crianças e para os educadores e muito a (re)aprender. Por isso, a cada dia procuro fazer essa reflexão na sala de aula: "Se a criança não conseguir aprender do jeito que eu ensino, devo ensiná-la do jeito que ela aprende". Não sei o autor dessa frase, mas tomei posse e penso que seja uma reflexão para todos os docentes.

No decorrer dos anos, observei que algumas crianças aprendem pelo lúdico, pelas práticas sociais, ou seja, pelo letramento e, outras, pelo sistemático. Mas se faz necessário ter tanto a sistematização quanto as práticas sociais. Essa é a razão de desejar cursar o Mestrado, buscando um olhar investigativo, pesquisador com ações reflexivas nas práticas pedagógicas da alfabetização e do letramento. Atualmente, estou professora no Colégio Vicentino Imaculada Conceição, trabalhando com uma turma de Alfabetização e Letramento e é aqui que me realizo, na sala de aula.

Pensando na minha trajetória, desde criança, é notável que sempre sonhei em ser professora e persegui esse caminho tão sonhado e desejado. Todas as minhas formações me

conectaram com o ensinar e o aprender. Descobri que nessa caminhada somos aprendizes e que o que aprendemos não é rígido, pronto e acabado, estamos em constante processo de mudanças e adaptações. Não poderia deixar de ressaltar que existe um fio condutor que perpassou a minha infância e continua influenciando as minhas práticas pedagógicas, que são tradições orais, em especial as cantigas. Não sou cantora, mas como educadora há mais de 23 anos, gosto muito de cantar e de passar ensinamentos por meio da oralidade.

Refletir sobre as diversas formas de aprender e de ensinar, transformam e modificam as práticas e nos faz compreender o caminho que melhor conduzirá ao processo de ensino-aprendizagem. Faz-se necessário descobrir as maneiras de aprender dos discentes, compreendendo às múltiplas inteligências e percebendo que todas as aprendizagens perpassam pelo coração e pelas emoções, assim como aprender a ler e escrever se realizam no universo de saberes do alfalettrar.¹

¹ Alfalettrar, termo usado por Magda Soares e que quer dizer a união da alfabetização e do letramento.

INTRODUÇÃO

O estudo em pauta situa-se na área da educação com enfoque na produção de material didático destinado para práticas pedagógicas da alfabetização em um contexto de letramento considerando-se que “letrar é desenvolver habilidades de leitura, interpretação e produção de texto. Alfabetizar é situar no texto a aprendizagem do sistema alfabético de que os alunos precisam apropriar para que se tornem capazes, eles também, de ler e escrever textos.” (SOARES, 2021, p.33).

A alfabetização é um processo bastante complexo e, para aprender a ler e escrever, o aprendiz usa seus conhecimentos sobre a língua, sobretudo aqueles relacionados à linguagem oral. A oralidade, enquanto prática de uso da língua, como a fala, a prosódia, a entonação, os gestos, as expressões faciais, os movimentos corporais, possui características e modos de organização diferentes da escrita.

A autora Beth Marcuschi esclarece que “a noção de oralidade está estreitamente relacionada ao uso da modalidade oral da língua em práticas sociais e discursivas, tanto no que se refere à sua produção, quanto no que diz respeito à sua escuta” (CEALE², 2014). O trabalho com a oralidade é importante para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos aprendizes, pois os gêneros orais estão presentes no dia a dia das crianças, nas interações e conversas, nas histórias, nas cantigas, nas parlendas e nos trava-línguas. Além disso, as tradições orais favorecem aprendizagens significativas, ampliam o vocabulário e refinam a pronúncia. Assim, o trabalho com a oralidade em sala de aula contribui para que a criança desenvolva, de forma processual, os processos de alfabetização e letramento e, vivencie, a cada dia, diferentes contextos e, assim, participe de práticas sociais: socializando, interagindo, falando, observando, escutando e compreendendo o uso da língua. Além disso, refletir sobre as diversas formas de aprender e de ensinar transforma e modifica as práticas pedagógicas e faz o educador compreender o caminho que melhor conduzirá o processo de ensino-aprendizagem.

A alfabetização está associada ao conhecimento do sistema alfabético (identificar os nomes das letras, articular os sons de cada uma, aprender e reproduzir a grafia de cada letra em um processo de escrita e leitura). Já o letramento está, intimamente, ligado às práticas sociais e culturais, que envolvem apropriações das habilidades de leitura, de escrita e de interpretação, contextualizando-as. O tema alfabetização existe há muito tempo, pois sempre

foi importante para a escola ensinar a ler, a escrever e a contar, mas a partir da globalização, as práticas sociais e culturais começaram a ganhar espaço nas salas de aula e o domínio apenas do código não é mais suficiente para uma participação efetiva na sociedade. Na década de 80, surge o termo letramento para nomear um processo distinto da alfabetização. Para Soares (2021), alfabetização e letramento são processos distintos, porém complementares³. A alfabetização e o letramento são processos distintos, com bases cognitivas e linguísticas específicas, mas na aprendizagem inicial da escrita, eles devem atuar ao mesmo tempo, ou seja, se tornam indissociáveis. Cada processo possui a sua identidade, a sua tecnologia e as suas particularidades, mas juntos podem transformar e dar significação ao ensino-aprendizagem do sistema de escrita, como bem explicado por Magda Soares:

Alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização – a aquisição da tecnologia da escrita - não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e escrita. (SOARES, 2021, p. 27)

Em outras palavras, o processo de alfabetização e letramento são complementares, pois une o aprendizado sobre o sistema de escrita às práticas sociais, consolidando a escrita e a leitura para além da decodificação, de modo a capacitar o aprendiz a utilizar leitura e escrita como práticas sociais. Para inserir o aprendiz no mundo da escrita é necessário que o professor alfabetize em um contexto de letramento, interagindo os saberes e garantindo a criança o direito de aprender a ler e escrever.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta que a alfabetização das crianças deverá ocorrer até o segundo ano do ensino fundamental, com o objetivo de garantir o “direito fundamental de aprender a ler e escrever”. Aprender a escrever e a ler é um processo exigente e fundamental para a vida de todo ser humano e requer a interação e apoio dos que circundam a criança, ou seja, a equipe pedagógica da escola, dos educadores, das famílias, das políticas públicas e da sociedade. Para complementar, nota-se a importância da educação no artigo 205 da Constituição Federal:

O artigo 205, reconhece a educação como direito fundamental compartilhado entre Estado, família e sociedade ao determinar que a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa,

seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, p.8).

Percebe-se que a responsabilidade é compartilhada e deve ser executada com o máximo de incentivo e colaboração de pessoas comprometidas e capacitadas para contribuir na formação de leitores e escritores eficientes.

No processo de alfabetização, trabalhar a escuta atenta é tão importante quanto trabalhar a fala, visto que a oralidade envolve a pronúncia, o ritmo, a prosódia, a entonação, os gestos, as expressões faciais, os movimentos corporais que são fatores primordiais para a comunicação, a interação, a escrita e a leitura. Além disso, no processo de apropriação do sistema de escrita, o aprendiz usa os conhecimentos que possui sobre a língua oral.

Os textos da tradição oral estão muito presentes na infância e têm a função de preservar histórias, de garantir às novas gerações o conhecimento de seus antepassados. Para muitos grupos, a oralidade é a única forma de resgatar e preservar sua ancestralidade. Considerando tais fatores da oralidade alinhada ao tema da alfabetização e às práticas sociais do letramento, este trabalho parte do seguinte questionamento: no processo de alfabetização, em contextos de letramento, como o professor alfabetizador pode trabalhar com os textos da tradição oral a fim de contribuir para a aprendizagem do sistema de escrita?

Dessa forma, define-se como objetivo geral, a busca por compreender como os textos da tradição oral contribuem para o processo de ensino-aprendizagem do sistema de escrita com propostas para alfalettrar. Para alcançar esse objetivo geral, são propostos os seguintes objetivos específicos: (i) refletir sobre a contribuição dos textos da tradição oral como suporte pedagógico para alfalettrar; (ii) produzir um caderno pedagógico destinado ao professor alfabetizador com sugestões de práticas pedagógicas (propostas do alfalettrar) que favoreçam à apropriação do sistema de escrita, por meio dos textos da tradição oral e (iii) contribuir para o processo de formação de professores alfabetizadores, por meio da disponibilização do material pedagógico. Para a construção deste trabalho, foi adotada a pesquisa teórica, a fim de compilar estudos que versem sobre o tema, a partir de autores como: Soares (2004 a 2021), Freire (1996, 2002), Simões(2006), Castanheira (2009), Maciel (2009), Martins (2009), Cagliari (2004, 2010), Adams (2006), Vygotsky (1980), Naspolini (2009), Severino, (2017), Mortatti (2021), Magalhães (2019), Marcuschi (2001), Frade (2005), entre outros. Posteriormente, foram selecionados textos das tradições orais que contribuem para a produção de um material didático destinado ao professor alfabetizador. Partiu-se do princípio de que a alfabetização e o letramento são processos indissociáveis e simultâneos (SOARES, 2004), buscando respaldo na obra de Magalhães (2019), que busca contribuir para o processo de formação docente por meio

da produção e disponibilização de um material didático centrado em atividades de oralidades que contribuam para a apropriação do sistema de escrita. Tais atividades buscarão contextualizar as tradições orais e os gêneros textuais orais, com as práticas sociais e culturais, de modo a favorecer a assimilação do que está sendo ensinado e aprendido. Dessa maneira o aluno torna-se atuante e participativo na construção de saberes significativos para compreender o que está sendo ensinado e proposto, buscando interação com o ambiente em que vive e convive, consolidando o processo de aprendizagem da escrita alfabética.

Entende-se que o papel do professor será o de possibilitar que o aluno aprenda a aprender de maneira satisfatória. Isso significa aprender a se desenvolver na escola e depois dela. Nas palavras de Naspolini (2009, p.159), é preciso compreender que “a questão da alfabetização vai além dos limites da escola e constitui um aprendizado sistemático, de natureza social e cultural”. Ao agregar a leitura de textos da tradição oral ao processo de ensino aprendizagem da escrita, privilegia-se o resgate dos saberes de um povo e possibilita a integração com outros conteúdos, de maneira a estimular a criticidade, construir aprendizagens e descobertas, tanto para o professor, quanto para o aluno, pois “ler é o processo de construir a partir do texto. Isso se torna possível pela interação entre os elementos textuais e os conhecimentos de leitor. Quanto maior for a concordância entre eles, maior a probabilidade de êxito na leitura” diz Naspolini (2009, p.18). Nesse caso, faz-se necessário pensar em

um currículo sustentado nas relações, nas interações e em práticas educativas intencionalmente voltadas para as experiências concretas da vida cotidiana, para a aprendizagem da cultura, pelo convívio no espaço da vida coletiva e para a produção de narrativas, individuais e coletivas, através de diferentes linguagens. (BRASIL, 2009, p. 93)

Além disso, é preciso considerar que

Alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização – a aquisição da tecnologia da escrita - não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e escrita. (SOARES, 2021, p.27).

Espera-se que o presente trabalho contribua para os professores alfabetizadores, em um trabalho conjunto com as famílias, proporcionando aprendizagens significativas aos protagonistas da escola: os alunos. Sendo assim, interagindo com as tradições orais e possibilitando a compreensão e consolidação do sistema alfabético em um contexto social e cultural, adequado à realidade do ambiente escolar.

Este texto organiza-se em capítulos, o primeiro capítulo é preâmbulo e a introdução desta dissertação. O segundo capítulo traz os conceitos de alfabetização e de letramento, considerando-se que são fenômenos distintos, porém processos indissociáveis e necessários para o ensino-aprendizagem da escrita e da leitura. O terceiro capítulo aborda a oralidade, enquanto prática de uso da língua, como a fala, a prosódia, a entonação, os gestos, as expressões faciais, os movimentos corporais. Por isso, faz-se necessário resgatar a tradição oral que há muito tempo era transmitida de “boca em boca”, de uma geração para outra. Assim, Celso Sisto (2020, p.42) ressalta que por meio “de histórias muito antigas que atravessaram os tempos, preservando a ideia básica de que quem conta é senhor absoluto dos recursos que utiliza para “vivificar” a história”.

As mensagens ou testemunhos são verbalmente transmitidas em discurso ou canção e podem tomar a forma, por exemplo, de contos, provérbios, cantigas, parlendas e poema. O quarto capítulo apresentará o percurso metodológico e, por fim, o quinto capítulo trará o Material Didático (Produto Educacional- caderno pedagógico, com unidades interativas) com práticas sociais e culturais. As unidades irão sugerir atividades como um caderno pedagógico com abordagens das tradições orais: poemas, poesias, parlendas e cantigas de rodas para que a aprendizagem seja integrada e, de fato, aconteça a consolidação. O produto educacional se organizará em torno de propostas planejadas, sequenciadas, sistematizadas para que os educadores sejam condutores de uma aprendizagem significativa e eficiente. Assim, ao ler a proposta, ao adequá-la à sua realidade de sala de aula, acredita-se que o material se constitua como um recurso de formação da alfabetização em um contexto de letramento.

1. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E A APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA

Este capítulo irá tratar de temas relevantes para o processo de alfabetização, envolvendo as práticas sociais como o letramento e a oralidade. Discute sobre a consciência fonológica, etapa importante para a compreensão do sistema de escrita e envolve a consciência sobre rimas, sobre a sílaba, sobre a palavra etc. para que a criança se aproprie do sistema de escrita alfabético.

Para Soares, o texto deve ser o ponto central do processo de alfabetização, uma vez que a socialização e a interação do que se fala, escreve, ouve ou lê acontece por meio dos textos que circulam socialmente. Conforme afirma a autora:

A língua possibilita a interação entre pessoas no contexto social em que vivem: sua função é, pois, sociointerativa. Essa função se concretiza por meio de textos: quando interagimos por meio da língua, falamos ou escrevemos textos.

Ouvimos ou lemos textos. Por isso, o texto deve ser o eixo central do processo de alfabetização (SOARES, 2021, p.34)

Por meio de textos das práticas sociais a criança interage, conscientiza e contextualiza a leitura e escrita em um processo de alfabetização. Por isso se faz tão necessário compreender que alfabetização, letramento e oralidade têm características próprias, mas que ao trabalhar na sala de aula, é preciso explorá-las sem dissociá-las.

1.1 Alfabetização e letramento

O surgimento e a consolidação da escrita ocorreram ao longo de um processo histórico e com a contribuição de diferentes povos. Os povos fenícios, por volta de 1.200 a.C., necessitando de uma forma de controlar o intenso fluxo de mercadorias em suas navegações, criou o que se pode considerar o primeiro alfabeto com consoantes. Os gregos adotaram e aperfeiçoaram esse sistema de escrita e introduziram as vogais, tornando-o capaz de representar os segmentos da fala. Por sua vez, os romanos adaptaram o alfabeto grego, tornando o sistema mais usado em várias línguas.

Soares (2021, p. 47) destaca a relevância da criação do alfabeto, como um bem cultural:

O alfabeto, um objeto cultural, é considerado uma das mais significativas invenções na história da humanidade. Ele representa a descoberta de que as cadeias sonoras da fala podem ser segmentadas, e que os segmentos podem ser representados por sinais gráficos, o que torna extremamente da cadeia sonora se repetem nas palavras, constituindo um conjunto finito, com um pequeno número de sinais gráficos – no caso do nosso alfabeto, denominado alfabeto latino, com 26 letras – pode-se escrever qualquer palavra. É este o sistema de escrita alfabético que a criança aprende quando se alfabetiza.

Muitas crianças vivenciam, desde muito pequenas, a experiência com as práticas de leitura e escrita no meio da família e, ao chegarem à escola, terão contato com um trabalho mais sistematizado para que se apropriem do sistema de escrita alfabética e desenvolvam aprendizagens em ambientes socioculturais em que a escrita e a leitura executam papéis centrais em uma sociedade voltada para a escrita, ou seja, grafocêntrica.

Essa interação entre desenvolvimento e aprendizagem é um dos temas na obra de Vygotsky (1896-1934), que enfatiza a importância da aprendizagem propiciada pelo contexto social, cultural e escolar para que o desenvolvimento da criança avance. (Vygotsky, 1896-1934).

Para Vygotsky (1896-1934), há uma interação entre desenvolvimento e aprendizagem: o primeiro “se faz de dentro para fora” e o segundo “se faz de fora para dentro”. Pensando no ponto de vista de Vygotsky, vale pensar que a escrita alfabética precisa ser ensinada para que seja aprendida pelos discentes, uma vez que o processo de alfabetização se relaciona às noções básicas e fundamentais da leitura e da escrita e requer a compreensão do princípio alfabético,

ou seja, a compreensão e discriminação dos sons, ou seja, de que as letras representam as menores unidades sonoras, os fonemas.

Por isso, esse aprendizado complexo precisa de estar integrado às práticas sociais de leitura e escrita, pois não se esgota no ler e escrever, mas em aplicar na vida cotidiana o que aprendeu, como nos traz Magda Soares (2020):

O conceito de alfabetização não esgotaria na aprendizagem da leitura e da escrita, ou seja, a aprendizagem da língua materna, quer escrita quer oral, é um processo permanente, nunca interrompido. Faz-se necessário diferenciar um processo de aquisição da língua (oral e escrita) de um processo de desenvolvimento da língua (oral e escrita), sendo este último, nunca interrompido. (SOARES, 2020, p.16)

O processo de alfabetização é uma das fases mais primordiais no desenvolvimento escolar do discente e por isso é fundamental que ele ocorra da maneira certa e no tempo correto. Sendo assim, a alfabetização, enquanto um processo exigente e sistemático de aprendizagem, envolve habilidades e competências necessárias para a formação do leitor, do interlocutor e do escritor em uma espiral de conhecimentos. Para dar conta desse processo, o educador deve proporcionar ao educando ações práticas, socioeducativas e lúdicas que visem orientar, dialogar e desenvolver as competências necessárias que fazem parte do processo de alfabetização, de modo que o alfabetizando aprenda e consolide o que aprendeu.

Cagliari (2004, p.184) destaca a importância do aprendizado da leitura e escrita ao afirmar que “de tudo o que a escola pode oferecer de bom aos alunos é a leitura, sem dúvida, o melhor, a grande herança da Educação”.

A leitura dá autonomia ao indivíduo para compreender outros conteúdos, estimula a criticidade e possibilita a construção de novos saberes, por meio de novas descobertas, tanto para o professor, quanto para o aluno. Para Naspolini (2009, p.18), “Ler é o processo de construir a partir do texto. Isso se torna possível pela interação entre os elementos textuais e os conhecimentos do leitor. Quanto maior for a concordância entre eles, maior a probabilidade de êxito na leitura”.

O aprendizado da leitura está relacionado às práticas sociais do letramento. O termo letramento é oriundo da versão em português da palavra inglesa *literacy*. *Literacy*, etimologicamente, vem do latim *littera* que significa letra, com o sufixo *cy* denota estado, condição. *Literacy* designa a condição daquele que é *literate*, daquele que não sabe apenas ler e escrever, mas que também sabe fazer uso competente da leitura e da escrita. (SOARES, 2004). Na década de 80, o termo letramento ganha espaço nos estudos da Educação e das Ciências Linguísticas, porém só foi dicionarizado em 2001 no dicionário Houaiss. O termo aparece pela

primeira vez, em 1986, no livro “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”, de Mary Kato.

Segundo Kleiman (1995, p.19): “podemos definir hoje letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Para a autora, o letramento refere-se a práticas sociais de leitura e escrita visto que a interação dessas práticas reflete na sociedade em que vivem e convivem. Já Tfouni (1988, p.16) postula que a “alfabetização ocupa-se da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema de escrita por uma sociedade”, ou seja, a autora busca estabelecer uma diferença entre alfabetização e letramento, sendo a primeira de caráter individual e a segunda de caráter social.

Para Tfouni, o letramento relaciona-se às consequências sociais e históricas da introdução da escrita em uma sociedade, “as mudanças sociais e discursivas que ocorrem em uma sociedade quando ela se torna letrada” (1995, p.20) são perceptíveis e as práticas de linguagens são mais produtivas e interativas, indo além do decodificar, de modo que diante dessa constatação e partindo do pressuposto de que “não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita” (SOARES, 2004, p. 20).

O letramento é um fenômeno relativamente novo no Brasil e o termo consolida-se relacionado ao termo alfabetização, pois pressupõe que o aprendizado da escrita vai além do ler e escrever no espaço escolar. É o uso da leitura e da escrita enquanto prática social. Soares (2004) muito contribui para a compreensão desse tema tão relevante e importante para a educação Brasileira, ao afirmar que “(...) letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e a escrever dentro de um contexto onde a leitura e a escrita tenham sentido e façam parte da vida do aluno” (SOARES, 2004, p.16). Dessa forma, os alunos precisam ser incentivados a participarem das práticas sociais de linguagem mediadas pela leitura e pela escrita.

Os letramentos têm múltiplas dimensões constitutivas como: textos, vozes, sujeitos, culturas, imagem e mídias. Esses letramentos perpassam pelos enfrentamentos de problemas cotidianos, em que o papel da escola é (re)significar, formando um sujeito crítico, reflexivo, participativo, criativo e atuante com voz e vez, explorando as práticas sociais do letramento e da oralidade. A criança, ao chegar à escola, traz consigo uma bagagem de experiências empíricas e tais experiências podem ser usadas como ponto de partida no processo de alfabetização e letramento. Entretanto, o processo de alfabetização possui especificidades que

precisam de sejam garantidas, a partir de um trabalho que considere leitura e escrita como práticas sociais. Soares afirma que:

A alfabetização, como processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica, foi, assim, de certa forma obscurecida pelo letramento, porque este acabou por frequentemente prevalecer sobre aquela, que, como consequência, perde sua especificidade. É preciso, a esta altura, deixar claro que defender a especificidade da alfabetização não significa dissociá-lo do processo de letramento. Entretanto, o que lamentavelmente parece estar ocorrendo atualmente é que a percepção que se começa a ter, de que, se as crianças estão sendo, de certa forma, letradas na escola, não estão sendo alfabetizadas, parece estar conduzindo à solução de um retorno a alfabetização como um processo autônomo. (SOARES, 2004, p.11)

Assim, faz-se necessário alinhar o processo de alfabetização às perspectivas dos letramentos, uma vez que as habilidades relacionadas às práticas sociais contribuem de forma eficiente para a apropriação da escrita e da leitura. Em outras palavras: “situando no texto a aprendizagem do sistema alfabético de que os alunos precisam apropriar-se para que se tornem capazes, eles também, de ler e escrever textos” (SOARES, 2021, p.33). Pode-se dizer que alfabetização e letramento são processos indissociáveis e necessários para o ensino-aprendizagem da escrita e da leitura, pois,

(...) a pessoa que aprende a ler e a escrever – que se torna alfabetizada – e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se em práticas sociais de leitura e escrita – que se torna letrada – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é analfabeta – ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita – é alfabetizada, mas não letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita. (SOARES, 2003, p. 36)

Aprender a decodificação faz parte da alfabetização, pois o sistema de escrita alfabético precisa ser ensinado, mas isso não é suficiente, assim sendo, precisa-se avançar para às práticas sociais de leitura e escrita. Para Soares, faz-se necessário compreender o que se passa com o educando no processo de ensino-aprendizagem e como o educador deve conduzir o processo para que a aprendizagem seja consolidada, pois o sistema de representação é complexo e abstrato. Desse modo, a vivência das práticas sociais contribuirá com a construção do conhecimento de modo que,

As pessoas não entendem que para a criança é difícil aprender um sistema de representação abstrato; porque se trata em representar os sons das falas em grafia, em riscos e traços. A criança precisa descobrir esse processo, para que a criança vivencie esse processo, é necessário que a professora entenda esse processo como se desenvolve na criança, como ela vai construindo conhecimento desse sistema de representação tão complexo, tão abstrato. (SOARES, 2017, p. 1)

Dessa forma, os educadores devem buscar capacitação para compreender o que ensinar e como ensinar, apoiando-se em pesquisadores e teorias que possam dar embasamento para

ensinar com propriedade. Percebe-se a necessidade de conhecer os fundamentos que norteiam o processo de alfabetização e letramento para que os educadores tenham subsídios para ensinar e avaliar o que foi ensinado. Não basta que o aluno saiba decodificar e codificar, ele precisa fazer uso social do que aprendeu.

Por isso, cabe ao educador compreender e buscar obter noções dos fundamentos psicológicos, fonológicos, linguísticos e sociolinguísticos para contemplar educandos que possam ir além da decodificação, uma vez que,

Para que o professor compreenda isso, é preciso que o professor tenha fundamentos: psicológicos, fonológicos (que se trata de ouvir o som das palavras e representar esses sons pelas letras, pelos grafemas), linguísticos, sociolinguísticos (a maneira que as crianças falam, dialetos diferentes. E a fala é diferente da escrita, cada dialeto tem uma relação diferente com a escrita). Precisa de formar professores para contemplar esses momentos. Costuma acontecer dúvida, as pessoas não sabem o que é o termo alfabetização e costuma limitar para as pessoas o que se faz quando se leva a criança a aprender a língua escrita. O termo aprendizagem inicial da língua escrita envolve dois processos: alfabetização e letramento. O que vem a ser um e outro? A alfabetização é um processo de aprendizagem do sistema de representação das falas, ou seja, como transformamos o som da fala, os fonemas em letras e grafemas. Não basta isso, a criança aprender a decodificar e codificar que levará a aprender a língua escrita. A língua escrita serve para alguma coisa, para a humanidade interagir, para registros da memória e para funções sociais. A aprendizagem das funções sociais é o que chamamos de letramento. (SOARES, 2017, p.2)

A alfabetização é tão necessária quanto o letramento e mesmo cada um tendo as suas particularidades, vale ressaltar que esses processos devem ser trabalhados simultaneamente, de forma indissociável. Alfabetizar está relacionado a aprender a ler e a escrever. Uma criança alfabetizada lê e escreve. Já o aluno letrado contextualiza esse ler e escrever, por meio da diversidade de textos que circulam no meio social. Sendo assim, alfalettrar é despertar, no aprendiz, o desejo de interagir com o meio em que vive, construindo aprendizagens significativas, socializando e envolvendo competências linguísticas como: falar, escutar, escrever e ler. Abordar o desenvolvimento da apropriação do sistema de escrita é importante para o processo da alfabetização.

O educador deverá proporcionar ao educando ações socioeducativas que possibilitarão ao aprendiz desenvolver as competências necessárias para compreender o sistema de escrita em um contexto de letramento, adquirindo clareza, autonomia e compreensão em aprender a apreender o alfabeto (nome, som e escrita da letra). Cada criança apropriará e consolidará o sistema alfabético praticando a oralidade, a produção de textos e a leitura.

Esses eixos são pertinentes, pois, segundo Soares (2003), as pessoas precisam entender que, para a criança, é difícil aprender um sistema de representação abstrato, porque se trata de

representar os sons da fala em grafia, em riscos e traços. Para que a criança compreenda esse sistema abstrato, o alfabetizador precisa entender antes os caminhos que a criança percorrerá, os conhecimentos que possui sobre a cultura escrita, bem como as hipóteses que construirá sobre a escrita ao longo do processo de aprendizagem.

O processo de alfabetização é complexo e possui diferentes facetas. Portanto, cabe ao professor compreender os fundamentos psicológicos, fonológicos, linguísticos, sociolinguísticos para alfabetizar e letrar. De acordo com Magda Soares(2004), a alfabetização e o letramento são processos distintos, com bases cognitivas e linguísticas específicas, mas, na aprendizagem inicial da escrita, eles devem atuar ao mesmo tempo, ou seja, se tornam indissociáveis. Sendo assim, o educador busca alfabetizar em um contexto de letramento.

Portanto, a aprendizagem inicial da escrita passa pela alfabetização, enquanto um processo de aquisição de uma tecnologia, ou seja, a aprendizagem de um sistema alfabético e ortográfico. Estão relacionadas à alfabetização, por exemplo, habilidades como: saber segurar o lápis, escrever de cima para baixo e da esquerda para a direita, compreender as relações grafema-fonema. Já o letramento é processo de desenvolvimento de habilidades de uso da tecnologia da escrita e da leitura, num contexto social em que as pessoas vivem e convivem. Relaciona-se ao aprender a produzir textos, ler e compreender o que se lê, ajustar o texto que escreve, para quem escreve, com que objetivo escreve, saber lidar com diferentes gêneros textuais.

Alfabetizar e letrar, são processos distintos, específicos, com base cognitiva e linguísticas específicas, mas na aprendizagem inicial da escrita eles devem ser contemporâneos, eles devem atuar ao mesmo tempo se alfabetiza num contexto de letramento e se letra em um contexto de alfabetização. É importante que o alfabetizador trabalhe esses processos ao mesmo tempo, respeitando as especificidades de cada um deles. (SOARES, 2017, p.3)

Enfim, cabe ao professor alfabetizador conhecer os fundamentos teórico-metodológicos relacionados à alfabetização e letramento e tomar decisões metodológicas em sala de aula, pois

O essencial é o olhar da professora para a alfabetização, mas não um olhar ingênuo, um olhar fundamentado em conhecimentos que ela tem do processo psíquico, psicogênico, fonológico, linguístico que a criança precisa vivenciar quando está aprendendo a língua escrita. Não se trata de dizer que método você usa? Que método eu devo usar. Trata-se de ter essa fundamentação teórica e saber traduzir essa fundamentação numa prática adequada. (SOARES, 2017, p .4)

A leitura e a escrita é direito de toda criança e a alfabetização é um processo que precisa ser ensinado. Portanto, o trabalho do alfabetizador deve contemplar princípios como o da compreensão e o da decifração, aliados à compreensão dos usos sociais dos textos. “É

necessária a síntese ou o equilíbrio entre esses princípios, indissociáveis para alfaletar”, conforme ensina Frade (2005, p.18). A próxima seção versará sobre a consciência fonológica.

1.2 Consciência fonológica

As crianças começam a desenvolver a habilidade da fala desde que nascem e interagem com as pessoas por meio das conversas, brincadeiras e cantigas de roda, as crianças vão produzindo balbucios, sons, sílabas, palavras, pequenas frases e, mesmo sem ter um conhecimento de estruturação sintática elas interagem com os outros.

O termo consciência fonológica é definido como sendo a consciência de que as palavras são constituídas por diversos sons ou grupos de sons e que elas podem ser segmentadas em unidades menores, como sílabas, rimas, aliteração e fonemas. A consciência fonológica é a capacidade de perceber os sons da fala. Para aprender a ler e escrever, a criança precisa ter consciência de que a escrita representa os sons da fala, ou seja, compreender que o sistema de escrita está pautado na relação grafema-fonema.

Inicialmente, conforme ensina Oliveira (2005, p. 15), o processo de aprendizado da escrita pode ser compreendido como “um processo de construção de conhecimento intermediado pela oralidade”, nesse processo, o aprendiz aprende a identificar os sons, posteriormente, agregarão mais percepções como identificar as sílabas, rimas, palavras, frases e textos.

Essa capacidade de refletir sobre os segmentos sonoros da fala é o que se denomina consciência fonológica: a capacidade de focalizar e segmentar a cadeia sonora que constitui a palavra e de refletir sobre seus segmentos sonoros, que se distinguem por sua dimensão: a palavra, as sílabas, as rimas, os fonemas.(SOARES, 2021, p.77)

A consciência fonológica refere-se à capacidade de raciocinar sobre os sons da língua e de manipular os sons isolados da linguagem falada como menor unidade sonora, abrangendo a capacidade de reflexão e de operação de rimas, aliteração, sílabas e fonemas. Entre os 4 e 7 anos de idade, que compreende a pré-escola (Educação Infantil) e o primeiro ano, a criança apresenta um desenvolvimento mais amplo da fala e, em geral, possui uma pronúncia mais correta das palavras mesmo não tendo conhecimento da estruturação. Adams confirma que “apesar de suas habilidades impressionantes para falar e ouvir, elas geralmente não têm qualquer conhecimento consciente e reflexivo das partes das palavras ou de como elas se combinam e se organizam na linguagem oral” e ainda “crianças de pré - escola e de primeira série estão na idade ideal para aprender a ler e escrever” (ADAMS, 2006, p.31).

Faz-se necessário um processo contínuo quanto à consciência fonológica, pois a criança passa por etapas de consciência fonológica, conforme certificamos quando Ribeiro (2011), afirma que:

a consciência fonológica pode ser observada já em crianças com idade de 3 anos, no que diz respeito à detecção de rimas, e em crianças com idade de 4 anos, no que se refere à segmentação de palavras em sílabas. Na idade que varia entre 3-4 anos, a criança se mostra sensível às regras fonológicas de sua língua. Aos 6 anos, idade que geralmente corresponde ao período em que se cursa a 1ª série do ensino fundamental, a criança já apresenta o domínio da consciência fonêmica e o domínio quase total da segmentação silábica. A partir dos 6 anos de idade, espera-se que haja o desenvolvimento da consciência fonológica em todos os níveis (RIBEIRO, 2011, p. 102)

Mesmo com um vocabulário amplo, com uma linguagem oral mais clara e objetiva, ao se deparar com a linguagem escrita, a criança apresenta uma insegurança, pois relacionar o que fala com o que escreve é tudo muito novo. Por isso, as crianças antes de conhecer o princípio alfabético, entender que os sons que são associados às letras são os mesmos sons da fala, nota-se a necessidade de entender que os sons que são associados às letras são os mesmos sons da fala. Estes sons que correspondem às letras do sistema de escrita denominamos fonemas, “a consciência de que língua é composta desses pequenos sons se chama consciência fonêmica” (ADAMS, 2006, p.19).

A consciência fonêmica é uma das partes que compõe a Consciência Fonológica. A consciência fonológica é mais ampla, porque abrange todos os tipos de consciência dos sons que compõe o sistema de uma certa língua.

Segundo ADAMS (2006) “Ela é composta por diferentes níveis: a consciência fonêmica, a consciência silábica e a consciência intrassilábica”. A Consciência fonêmica é a capacidade de analisar palavras por unidades de som ou fonemas. A palavra é dividida em pequenas partes que são os fonemas, cada um representa um som. A consciência fonêmica é considerada uma das etapas mais difíceis para compreensão das crianças, pois “os fonemas, contudo, são muito mais difíceis para as crianças perceberem ou conceituarem do que palavras ou sílabas. Além disso, “os fonemas não têm significado”, “não é natural que se preste atenção a eles” e “são tão variáveis acusticamente que cada um deles soa mais ou menos diferente de uma pessoa que fala à outra e de uma palavra a outra”. (ADAMS, 2006, p. 103).

Nesse sentido, Cavalheiro (2010, p.2) afirma que:

[...] há uma relação de reciprocidade entre o desenvolvimento da consciência fonológica e a aquisição e desenvolvimento da leitura, pois alguns níveis de consciência fonológica interferem no aprendizado da leitura, enquanto que o domínio das habilidades de leitura e escrita possibilita a evolução da

consciência fonêmica. As crianças que têm melhor desempenho em consciência fonológica são melhores em leitura e escrita.

Morais destaca que “estudos têm demonstrado que as crianças tendem a apresentar mais dificuldade em operar sobre fonemas isolados que sobre sílabas e rimas” (Morais, 2019, p.191). Outro nível relacionado a Consciência Fonológica (CF) é o referente à sílaba, ou a Consciência Silábica, capacidade de analisar a partir da divisão das palavras em sílabas. Adams (2006) ressalta, que as sílabas podem ser ouvidas e sentidas, pois correspondem as pulsações de som da voz, observadas também pelo movimento de abertura e de fechamento da boca. O desenvolvimento da consciência silábica possibilita a criança a reflexão sobre as partes orais, os fonemas e grafemas, equivalentes as sílabas que os compõe, sendo estes estimulados pelas rimas iniciais e finais, sons parecidos, segmentando em sílabas em pedaços e este pode ser considerado o primeiro caminho mais acessível da compreensão de segmentação sonora. A sílaba é considerada como uma unidade central, da consciência fonológica, através do reconhecimento ou identificação da sílaba, a criança começa a desenvolver a consciência das palavras, em seguida formam frases e pequenos textos.

Os professores alfabetizadores devem conhecer e ter o domínio da Consciência Fonológica ao nível da consciência de sílabas, pois ela se apresenta como um facilitador ao processo de desenvolvimento da consciência fonológica e importantíssimo passo para aquisição da leitura e escrita, neste viés Moreira nos relata que “O educador de infância deve orientar as crianças para a compreensão da sílaba como unidade estrutural da palavra, promovendo o desenvolvimento da consciência palavra, e ainda sobre a importância de atividades que devem ser desenvolvidas (MOREIRA, 2013, p.94).

A consciência intrassilábica é a capacidade de analisar que as palavras podem iniciar ou finalizar com os mesmos sons, sendo que os sons finais caracterizam as rimas e os iniciais as aliterações, são unidades menores que uma sílaba. Nesse viés, ADAMS (2006, p.51) nos diz que “a sensibilidade à rima é uma forma muito primitiva de consciência fonológica”, “a rima surge com bastante facilidade para a maioria das crianças”. Morais apresenta uma contribuição sobre a aliteração “temos evidências de que as crianças têm mais facilidade em identificar palavras que começam de forma parecida que palavras que rimam” (MORAIS, 2019, p.51).

Validar as rimas é tão importante quanto observar o som inicial das palavras, ou seja, a aliteração, como nos explica Magda Soares (2021):

As crianças que não sabem ler, mesmo diante de momentos de atividades, o educador deve levar a criança a observar a escrita das palavras destacando a primeira sílaba, pois encaminha para a compreensão de que a escrita representa a fala e que segmentos de sons iguais se escrevem com as mesmas letras, desse modo aproximando-as do princípio alfabético (SOARES, 2021, p. 82).

Segundo Soares (2021, p.82), ao explorar a aliteração e as rimas a criança “focaliza sobre os sons da palavra e reflete sobre a sua escrita”, uma vez que o trabalho com “atividades lúdicas levam as crianças a prestar a atenção no significante, distinguindo-o do significado”. Pois de acordo com Morais (2021, p.45) “toda forma de conhecimento consciente, reflexivo, explícito, sobre as propriedades da linguagem,” está relacionado à consciência fonológica.

Observa-se que quando a criança escreve duas letras para representar um objeto ou uma palavra com duas sílabas, percebe-se que a criança é

capaz de dividir a palavra em segmentos sonoros, as sílabas, o que já indica uma habilidade inicial de consciência fonológica: capacidade de separar oralmente segmentos da palavra. Quando a criança preserva somente duas primeiras letras de sua escrita e não coloca uma letra para cada sílaba, significa que ainda não desenvolveu a consciência silábica. (SOARES, 2021, p.84)

Uma maneira que estimula nas crianças a capacidade de segmentar as sílabas é por meio de interações, jogos e brincadeiras que favoreçam esse momento, como sugere Magda Soares (2021, p. 85-86):

As crianças segmentam oralmente uma palavra em sílabas, batendo palmas para cada sílaba; Proposta uma palavra, as crianças caminham, na sala de aula ou no pátio, fazendo cada passo corresponder a uma sílaba que pronunciaram oralmente; Uma variante das duas atividades anteriores, propostas duas palavras de tamanhos diferentes (como elefante e zebra, ou o nome de duas crianças, como Mariana e Pedro), as crianças segmentam, oralmente, cada uma em sílabas, comparam o número de palmas ou de passos das palavras e identificam qual das duas é a maior e qual é a menor; O (a) alfabetizador(a) pronuncia oralmente uma palavra, pede às crianças que a pronunciem separando as sílabas, em seguida sugerem que retirem a primeira ou a última sílaba e vejam “o que sobra”. Exemplo: MA-CA-CO, vamos tirar o MA, que palavra fica? De preferência, deve ser formada uma nova palavra sem a sílaba inicial (exemplos: es-quilo, fi-vela, as-pato, ta-manco) ou sem a sílaba final (exemplos: jaca-ré, calça-do, toma-da, sola-do, gira-fa). Podem, porém, ser usadas palavras que, sem a sílaba inicial ou final, não formam nova palavra. O objetivo é que a criança desenvolva a capacidade de segmentar palavras em sílabas.

Nesse processo de aprendizagem, o aprendiz torna-se capaz de segmentar, em sílabas, as palavras. No processo de escrita, o aprendiz pode utilizar a escrita silábica sem valor sonoro e escrita silábica com valor sonoro, ou seja,

quando a criança se torna capaz de segmentar a cadeia sonora da palavra em sílabas e, em escrita inventada, representar cada sílaba por uma letra, já revela consciência de que a palavra é constituída de segmentos sonoros representados por letras. De início, escolhe qualquer letra, uma letra para cada sílaba, mas, as letras não têm relação com os sons, os fonemas (SOARES, 2021, p.87).

As atividades para a compreensão da sílaba auxiliarão na compreensão da consciência fonológica. Nota-se que a escrita silábica sem valor sonoro revela uma escrita com letras e, isso implica que a criança percebe que a palavra tem segmentos sonoros representados por letras, mas ainda não é capaz de relacionar a letra ao som, ao fonema. Um exemplo de escrita

sem valor sonoro ocorre quando o professor pede para a criança escrever a palavra xícara, e ela escreverá uma letra para cada sílaba sem valor sonoro, como por exemplo, IAM. Observe-se que cada letra representou uma sílaba sem fonetização.

É preciso pensar em atividades que estimulam a criança a avançar para a fase silábica com valor sonoro de acordo com Magda Soares (2021, p.88) por meio de “jogos lúdicos de aliteração e rima, com palavras retiradas de parlendas, poemas ou histórias” favorecendo para a consciência fonológica, para a consciência do som das sílabas. Pois, de acordo com Soares (2021, p. 33) “o texto é o eixo central da alfabetização e o letramento”. Assim, para que o aprendiz avance nas etapas da escrita, o professor pode trabalhar com parlendas e com outros textos que explorem rimas.

Na escrita silábica das palavras com valor sonoro, nota-se a fonetização das sílabas, ou seja, as crianças escrevem uma letra para cada sílaba, mas agora escreve aquelas que correspondem ao som que mais se ressalta na pronúncia da sílaba. Em consonância com SOARES (2021, p.97), observa-se como as crianças escrevem na escrita silábica com valor sonoro, isto é:

às crianças escrevem silabicamente, uma letra para cada sílaba da palavra, mas não escolhem qualquer letra, escolhem aquela que corresponde ao som que mais se destaca na pronúncia da sílaba; esse som em geral é o da vogal, obrigatória em todas as sílabas do português, consideradas o núcleo da sílaba. Além disso, as vogais são as únicas letras cujo nome corresponde ao fonema que representam, são os únicos fonemas pronunciáveis.

A criança escreve a palavra, uma letra para cada sílaba, representando-as pela vogal núcleo de cada uma (PERA= EA). Mas nem todas as crianças que escrevem com som sonoro, obrigatoriamente, escreverão somente as vogais, pode ser que a criança use o critério de sonorização e escreva a consoante correspondente à palavra, ou seja, a criança pode revelar a capacidade de orientar-se não só pelo critério do nome da letra, mas também pelo critério fonológico (PERA= PE). Embora, a criança represente a sílaba com fonetização, ainda não é capaz de ler (MARACUJÁ= AAUA), a não ser pelo apoio da figura. Algumas sabem identificar o nome das letras, porém não conseguem ler nas letras, as sílabas. Quando a criança coloca vogais e consoantes (JACARÉ=JKE, XÍCARA= XKA) para representar as sílabas, cada letra representa uma sílaba e a criança consegue identificar e ler que XKA representa a palavra XÍCARA.

Dos exemplos do uso de consoantes para representar as sílabas e escritas silábicas, ou uso de consoantes antes da vogal, pode inferir que o conhecimento do nome de certas consoantes parece auxiliar a criança a identificar, na sílaba, os fonemas que essas consoantes representam. O que assinala a evolução para a fase seguinte, a escrita silábico-alfabética e depois a escrita alfabética. (SOARES, 2021, p.99)

Vale lembrar que algumas letras são usadas para representar escritas inventadas, chamadas também de escrita espontânea, e produzem sílabas com fonetização como: o “k” com som de “CA”, “H” com som de “AGA” para representar a sílaba “GA”. O que é segundo Soares (2021,p.100) “um passo importante para desenvolvimento da consciência fonêmica,” pois “crianças silábicas com valor sonoro já são capazes de escrever pequenos textos.” Mas, para avançar para a escrita alfabética, a criança precisa avançar na consciência fonológica para identificar os fonemas, por isso o educador deve retornar à atividade de escrita e conversar sobre o que está escrito para todos na lousa, assim farão uma reflexão sobre a escrita e tais interações reflexivas segundo Soares (2021,p.103): “caracterizam-se como atuação sobre a *zona de desenvolvimento proximal*, orientando crianças com valor sonoro a avançar para a identificação de mais e um fonema nas sílabas.”

Vale pensar que ao trabalhar a consciência fonológica, parece-nos adequado situá-la como uma das dimensões da consciência metalinguística, como ressalta Artur de Moraes (2022,p.41):

Embora alguns estudos que tratam de habilidades das crianças para pensar sobre certas unidades da língua (como morfemas) tenham sido feitos desde a década de 1950, foi a partir dos anos 1980 que estudiosos começaram a teorizar, de modo mais sistemático, sobre o que passamos a designar como “consciência metalinguística”. Ao usar a linguagem, as crianças tendem não só a tratá-la como meio para interagir com os outros membros da cultura ao seu redor, pedindo ou fornecendo informações, expressando sentimentos ou interesses, mas também pensando sobre a língua, analisando-a, tratando a própria linguagem como objeto de reflexão.

Nota-se que a reflexão sobre a linguagem é uma prática metalinguística, ou seja, utiliza o código para falar dele mesmo, sendo por meio de gestos, oralidade, escritos e imagens em diferentes dimensões da língua. As habilidades metalinguísticas em uma abordagem de consciência fonológica, diferenciam as unidades sonoras como “objeto de reflexão” como cita Artur Moraes (2022, p. 50), podendo “ser um fonema, uma sílaba, uma rima de palavra, um segmento intrassilábico contendo um ou dois fonemas, uma palavra inteira dentro da outra.” Contudo, ao trabalhar habilidades necessárias para a alfabetização em um contexto de letramento é preciso considerar o conhecimento sobre a consciência fonológica sobre as rimas, a aliteração, os fonemas, as sílabas, as frases e textos da tradição oral, uma vez que tais habilidades se tornam um instrumento facilitador ao processo de alfabetização, principalmente em crianças na fase inicial, conforme citado por Moraes:

Vamos expor e analisar uma proposta de ensino que, desde o final da educação infantil, assume, na escola, a tarefa de promover falantes do português a vivência de situações que as desafiem a ludicamente refletir sobre “palavras

e suas partes” a fim de facilitar o aprendizado do sistema de escrita alfabética. (MORAIS, 2022, p.131)

Assim, faz-se necessário acompanhar os níveis de cada criança e perceber como ela está interagindo com as etapas do desenvolvimento proximal, e ajudá-la a avançar. Uma criança silábica pode escrever: sem valor sonoro, usa uma letra para representar cada sílaba, sem se preocupar com o valor sonoro (BOLA= PT), e percebe o som da letra com a grafia (BOLA= AO). O nível silábico-alfabético a criança alterna a escrita silábica com a alfabética. Ora escreve silábica completa ora incompleta (CAVALO=CVLU). E o nível alfabético faz a correspondência entre fonemas (sons) e grafemas (letras), escreve como fala (CAVALO= KAVALU), TOMATE= TUMATI).

Nota-se que para a criança avançar nos níveis da apropriação do sistema alfabético de escrita, faz-se necessário trabalhar com algumas metas e com a consciência de algumas partes que compõem o processo que Soares traz no livro Alfalettrar de modo bem definidas (2021, p. 295-298).

1.3 A apropriação do sistema de escrita alfabética

De acordo com Magda Soares (2021, p. 34) “a escrita é uma tecnologia criada há apenas 3 ou 4 mil anos, uma invenção cultural que, como todo artefato cultural, precisa ser aprendida.” Essa é uma informação valiosíssima, pois os educadores precisam compreender que se a criança precisa aprender, o educador precisa ensinar todo o processo do sistema de escrita alfabético de forma sistematizada e com clareza. Uma vez que “a criança vai compreendendo a escrita alfabética como um sistema de representação dos sons da língua (os fonemas) por letras – apropria-se então do sistema alfabético”. (SOARES, 2021, p.51)

A apropriação do sistema de escrita alfabética em um contexto de letramento favorecerá a aprendizagem que segundo Vygotsky (1896-1934), acontece de fora para dentro e o desenvolvimento de dentro para fora”. Faz-se necessário organizar as práticas pedagógicas incluindo as competências e habilidades necessárias à idade da criança para que o ensino-aprendizagem aconteça. As cantigas de rodas, poemas, parlendas dentre outras, favorecem a exploração de rimas, aliterações, palavras, sílabas, fonemas da tradição oral e estimulam o desenvolvimento de competência e habilidades que contribuirão para a apropriação do sistema de escrita alfabética, pois

A escrita foi inventada como consequência direta de exigentes demandas de uma economia em expansão. Em outras palavras: em algum momento do final do 4º milênio a.C., a complexidade do comércio e da administração nas primeiras cidades da Mesopotâmia atingiram um ponto que ultrapassou o poder de memória da elite governante. Registrar transações de forma confiável e permanente tornou-se essencial (SOARES, 2021.p.23)

A escrita é uma forma de manter viva a memória em registros de livros físicos ou digitais. Por isso, a necessidade de alfabetizar letrando para que a humanidade continue reescrevendo a história. É preciso destacar que o aprendizado da escrita é um processo complexo e nas escritas inventadas (escrita espontânea), percebe-se como a criança compreende a escrita e como ela escreve. Se coloca uma letra aleatória ou se já é capaz de observar o valor sonoro, se já percebe mais de um fonema nas sílabas e procura fazer a correspondência com determinadas letras.

De acordo com Magda Soares (2021, p.109):

Na transição entre a escrita silábica com valor sonoro e a escrita alfabética, a criança já percebe a possibilidade de segmentação de algumas sílabas em unidades sonoras menores (fonemas) e usa mais de uma letra para representá-las: sua escrita alterna entre silábica e alfabética, e é, por isso, considerada no nível silábico-alfabético.

Assim, faz-se necessário acompanhar os níveis de cada criança e perceber como ela está interagindo com as etapas do desenvolvimento proximal, e ajudá-la a avançar. Uma criança silábica pode escrever: sem valor sonoro, usa uma letra para representar cada sílaba, sem se preocupar com o valor sonoro (BOLA= PT) ou com valor sonoro, usa uma letra para representar cada sílaba e percebe o som da letra com a grafia (BOLA= AO). O nível silábico-alfabético a criança alterna a escrita silábica com a alfabética. Ora escreve silábica completa ora incompleta (CAVALO=CVLU). E o nível alfabético faz a correspondência entre fonemas (sons) e grafemas (leras), escreve como fala (CAVALO= KAVALU), TOMATE = TUMATI).

Nota-se que para a criança avançar os níveis da apropriação do sistema alfabético de escrita, faz-se necessário trabalhar com algumas metas bem definidas que Soares (2021, p. 295-298) elenca com propriedade e experiência de educadores nas práticas escolares. Os seguintes objetivos e metas devem integrar o planejamento docente no processo de alfabetização e letramento:

Metas iniciadas⁴ na educação infantil - 4 anos: apropriação do sistema alfabético de escrita:

Conhecimento das letras e do alfabeto (p. 295):

- Diferenciar letras de números e outros símbolos;
- Discriminar letras de traçado semelhante - maiúscula de imprensa;
- Identificar letras maiúsculas de imprensa ouvindo seu nome;
- Escrever letras maiúscula de imprensa ouvindo seu nome;

⁴ Extraídas de Soares (2021).

- Reconhecer determinada letra entre duas letras.

Consciência fonológica:

- Identificar número de sílabas em palavra ouvida;
- Identificar palavra que rimam;
- Identificar palavras que começam com a mesma sílaba (aliteração).

Escrita de palavras:

- Escrever o primeiro nome;
- Escrever simulando escrita (rabiscos, garatujas, imitação de letras, escrita espontânea).

Leitura de palavras:

- O próprio nome entre 3 ou 4 nomes de colegas.

Metas iniciadas na educação infantil - 4 anos: leitura e produção de textos:

Leitura e interpretação de textos:

- Ouvir com atenção a leitura de textos;
- Reconhecer, em livro, a capa e o modo de folhear as páginas, da direita para a esquerda;
- Formular previsões sobre a continuidade, em interrupções da leitura oral de uma narrativa.
- Relacionar textos e ilustrações em livros;
- Memorizar parlendas, cantigas, pequenos poemas.

Produção de textos:

- Participar oralmente de produção de texto, professora/or como escriba;
- Recontar oralmente e ditar para a/o professora/or, com a colaboração dos colegas, pequena história lida por ela/ele;
- Reconhecer, ao acompanhar a escrita de texto da/o professora/or na lousa, a direção da escrita da esquerda para a direita, e a separação as palavras por espaços.

Metas iniciadas na educação infantil - 5 anos: apropriação do sistema alfabético de escrita:

Conhecimento das letras e do alfabeto (p.296):

- Discriminar letras de traçado semelhante - maiúscula de imprensa;
- Identificar letras maiúsculas de imprensa ouvindo seu nome;
- Escrever letra maiúscula de imprensa ouvindo seu nome;
- Reconhecer entre sequências de três letras determinada sequência (três sequências).

Consciência fonológica:

- Identificar número de sílabas em palavra ouvida;

- Identificar palavra que terminam iguais – rimas;
- Identificar palavras que começam com a mesma sílaba (aliteração);
- Inferir que sons das palavras correspondem a letras na escrita.

Escrita de palavras:

- Escrever o nome completo;
- Escrever palavras com sílabas CV (consoante, vogal), (nome de desenhos);
- Escrever espontaneamente palavras ou frases (escrita criativa).

Leitura de palavras:

- Reconhecer o conceito de palavra escrita, identificando o número de palavras em frase;
- Identificar palavras familiar em pequeno texto.

Metas iniciadas na educação infantil - 5 anos: leitura e produção de textos:

Leitura e interpretação de textos:

- Ouvir com atenção a leitura de textos;
- Incorporar ao vocabulário novas palavras encontradas em textos;
- Identificar o gênero do texto pela configuração gráfica e características do portador;
- Reconhecer, em livro, a capa e o autor;
- Formular previsões sobre a continuidade, em interrupções da leitura oral de uma narrativa;
- Relacionar textos e ilustrações;
- Identificar informações explícita em texto lido pela/o professora/or;
- Memorizar parlendas, cantigas, pequenos poemas.

Produção de textos:

- Participar oralmente de produção de relato de atividade (passeio, excursão) realizada fora da escola, professora/or como escriba;
- Recontar oralmente e ditar para a/o professora/or, com a colaboração dos colegas, história ou notícia lidas por ela/ele;
- Reconhecer, ao acompanhar a escrita de texto da/o professora/or na lousa, a separação das palavras por espaços, paragrafação, o uso do ponto final;
- Escrever frase sobre uma cena ou sobre personagens de história conhecida, (escrita criativa).

Metas anos iniciais - 1º ano: apropriação do sistema alfabético de escrita:

Conhecimento das letras e do alfabeto (p.297):

- Discriminar letras de traçado semelhante - maiúscula de imprensa;

- Discriminar letras de traçado semelhante - minúscula de imprensa;
- Escrever letra maiúscula de imprensa ouvindo seu nome;
- Relacionar letras maiúsculas com letras minúsculas correspondentes (letra de imprensa);
- Relacionar palavras em maiúscula com sua versão em minúscula (letras de imprensa);
- Conhecer a ordem alfabética;
- Listar palavras em ordem alfabética com base na primeira letra.

Consciência fonêmica:

- Identificar relações (biunívocas) entre fonemas e grafemas;
- Identificar em um conjunto de palavras, aquela que se diferencia apenas por fonema inicial;
- Identificar em um conjunto de palavras, aquela que se diferencia apenas por fonema medial;
- Completar palavras com fonema-letra inicial ou fonema-letra medial;
- Localizar, em quadro de dupla entrada (casinhas), sílabas que se igualam ou se diferenciam pela relação fonema-grafema (“onde moram os fonemas”).

Normas ortográficas:

- Diferenciar vogais abertas, fechadas e nasais;
- Identificar as marcas usadas para a nasalização de vogais: M,N, til;
- Inferir as regras de uso de M ou N na nasalização de vogais;
- Reconhecer palavras em que a vogal final é pronunciada como I mas representada pela letra E;
- Reconhecer palavras em que a vogal final é pronunciada como U mas representada pela letra O;
- Identificar a representação do fonema /k/ por QU e do fonema /g/ por GU em função da vogal que se segue à consoante;
- Identificar os fonemas correspondentes à letra R em diferentes contextos: R brando intervocálico, R forte no início da palavra e duplicado como RR quando intervocálico;
- Identificar os fonemas correspondentes à letra S em diferentes contextos;
- Identificar e corrigir com a mediação da/o professora/or, erros ortográficos ao rever seu próprio texto ou texto de colega.

Escrita de palavras:

- Escrever palavras em ordem alfabética;

- Escrever corretamente sílabas com vogal nasal;
- Escrever corretamente sílabas em que a relação fonema-grafema é regular;
- Escrever corretamente palavras que contenham os dígrafos LH, NH;
- Escrever corretamente palavras em que os fonemas /k/ e /g/ são representados por QU e GU em função da vogal que se segue ao fonema;
- Escrever corretamente palavras com R brando intervocálico, R forte no início da palavra e duplicado como RR quando intervocálico;
- Escrever corretamente palavras com S intervocálico, S no início da palavra e suplicado como SS intervocálico;
- Escrever corretamente palavras com sílabas CV, CCV,CVC, V (oral ou nasal);

Leitura de palavras:

- Reconhecer o conceito de palavra escrita, identificando o número de palavras em frase;
- Identificar uma mesma palavra escrita com diferentes tipos de letras;
- Identificar determinada palavra em pequeno texto;
- Ler corretamente palavras com sílabas CV, CCV,CVC, V (oral ou nasal) e com os dígrafos LH, NH, GU, QU;
- Ler corretamente palavras com sílabas com a letra R intervocálica, inicial ou duplicada;
- Ler corretamente palavras com sílabas com a letra S intervocálica, inicial ou duplicada.

Metas anos iniciais - 1ºano: leitura e produção de textos:

Leitura e interpretação de textos:

- Ouvir com atenção a leitura de textos;
- Incorporar ao vocabulário novas palavras encontradas em textos;
- Identificar o gênero do texto pela configuração gráfica e características do portador;
- Reconhecer, em livro, a capa e o autor, o ilustrador;
- Formular previsões sobre a continuidade do texto, em interrupções da leitura oral de uma narrativa pela/o professora/or;
- Relacionar textos e ilustrações;
- Identificar informações explícita em texto lido pela/o professora/or;
- Localizar informação explícita em texto curto lido silenciosamente;
- Recontar história lida pela/o professora/or;
- Relatar oralmente narrativa apresentada em textos verbo-visuais (tirinhas, história em quadrinhos) ou apenas visuais (livro de imagem).

Produção de textos:

- Reconhecer, ao acompanhar a escrita de texto da/o professora/or na lousa, a separação das palavras por espaços, paragrafação, o uso de vírgula e do ponto final;
- Obedecer a convenções de apresentação de texto na página: título, margens, paragrafação;
- Recontar oralmente e ditar para a/o professora/or, com a colaboração dos colegas, histórias ou notícias lidas por ela/e;
- Produzir oralmente, com a colaboração dos colegas, relato de atividades (passeio, excursão) realizada fora da escola;
- Escrever legenda para gravura ou foto;
- Escrever narrativa retextualizando uma tirinha;
- Escrever texto dando continuidade a uma. situação inicial proposta (narrativa);
- Escrever e expor na sala de aula ou na biblioteca cartaz divulgando livro lido;
- Revisar o texto com a orientação da/o professora/or e de colegas;
- Reescrever o texto depois e revisão (reescrita).

Metas anos iniciais - 2º ano: apropriação do sistema alfabético de escrita e de normas ortográficas:

Conhecimento do alfabeto (p. 298):

- Conhecer a ordem alfabética;
- Listar palavras em ordem alfabética com base nas três primeiras letras.

Normas ortográficas:

- Memorizar a escrita de palavras de uso frequente em que as sílabas – LHA e – LHO são escritas como lia e lio;
- Diferenciar a terminação - **ou** de verbos no passado da terminação – ol;
- Diferenciar as formas verbais que terminam com – am e com – ão;
- Memorizar a escrita de palavras de uso frequente com X ou CH;
- e com J ou G antes de E e I;
- Memorizar a escrita de palavras de uso frequente e que o fonema /s/ em início de palavra pode ser representado por C ou S;
- Memorizar a escrita de palavras de uso frequente iniciadas por H;
- Memorizar a escrita de palavras de uso frequente em que há redução dos ditongos AI, EI, OU em sílabas CVV e VV;
- Identificar e corrigir com a mediação da/o professora/or, erros ortográficos ao rever seu próprio texto ou texto de colegas;

Escrita de palavras:

- Escrever corretamente palavras com sílabas CV, CCV,CVC, V (oral ou nasal);
- Relacionar palavras em letras de imprensa com sua versão em cursiva;
- Escrever palavras em letra cursiva.

Metas anos iniciais - 2ºano: leitura e produção de textos:**Leitura e interpretação de textos:**

- Ouvir com atenção a leitura de textos;
- Ler oralmente textos com fluência e compreensão;
- Ler silenciosamente textos com fluência e compreensão;
- Incorporar ao vocábulo novas palavras encontradas em textos;
- Inferir o sentido de palavra desconhecida com base no contexto da frase;
- Identificar o gênero do texto pela configuração gráfica do portador;
- Reconhecer, em livro, a capa e o autor, o ilustrador;
- Diferenciar no texto trechos de fala de personagens e a forma de sua apresentação gráfica (discurso direto);
- Formular previsões sobre a continuidade do texto, em interrupções da leitura oral de uma narrativa pela/o professora/or;
- Relacionar textos e ilustrações;
- Identificar informações explícitas e texto lido pela/o professor/or;
- Localizar informações explícitas em texto lido silenciosamente;
- Inferir informação implícita em texto;
- Relatar oralmente narrativa apresentada em textos verbo-visuais ou apenas visuais;
- Identificar relações de causa entre fatos de texto narrativo ou informativo;
- Identificar estruturas de textos narrativos: situação inicial, conflito, busca de solução, clímax, desfecho.

Produção de textos:

- Produzir oralmente, com a colaboração dos colegas, relato de atividades (passeio, excursão) realizada fora da escola;
- Escrever relato pessoal (sobre si mesmo, desejos para o futuro, acontecimento que viveu no passado, sobre a família, os amigos);
- Escrever legenda para gravura ou foto;
- Retextualizando uma tirinha em texto narrativo;
- Escrever texto relatando acontecimentos vividos ou a que assistiu (relato);

- Escrever texto em continuidade a uma situação inicial proposta (narrativa);
- Escrever texto informativo sobre seres ou fenômenos por interesse pessoal ou da turma;
- Escrever e expor na sala de aula ou na biblioteca cartaz divulgando livro lido;
- Obedecer às convenções de apresentação de texto na página: título, margem, paragrafação;
- Usar adequadamente o ponto de interrogação em final de frase;
- Escrever corretamente obedecendo às normas ortográficas já aprendidas;
- Escrever texto com letra cursiva legível e regular;
- Usar articulações de coesão próprios da língua escrita;
- Evitar repetições usando sinônimos e pronomes pessoais para referência a palavra anterior;
- Revisar o texto com a orientação da/o professora/or e de colegas;
- Reescrever o texto depois da revisão (reescrita).

Magda Soares (2021, p. 295 a 298) apresenta objetivos para serem trabalhados e alcançados com as crianças na educação infantil e nas séries iniciais para que a alfabetização aconteça em um contexto de letramento, oralidade, consciência fonológica, consciência fonêmica com base em textos da tradição oral, ou seja, colocar o foco na aprendizagem da criança: “como a criança aprende”, para orientar “como vou ensinar”. Uma vez que,

Alfalettrar (alfabetizar e letrar): é compreender como a criança aprende a língua escrita, o sistema alfabético e seus usos, e com base nessa compreensão, estimular e acompanhar a aprendizagem com motivação, propostas, intervenções, sugestões, orientações, o que supõe um olhar reflexivo e propositivo sobre o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. (SOARES, 2021, p. 290)

Nota-se que alfalettrar demanda propostas reflexivas, isto é, estimulando e velando a aprendizagem de maneira que a criança compreenda o sistema de escrita alfabética e como usá-lo em contexto escolar e fora da escola. A aprendizagem de cada criança exigirá da equipe educativa dedicação à fatores que contribuem para a consolidação da aprendizagem. Aqui, faz-se necessário consultar o planejamento das práticas em alfabetização e letramento, tão bem descritos e organizados em metas de integração e bem citadas e orientadas neste trabalho. Sendo assim, o educador conseguirá perceber como o aluno aprende em cada etapa e a maneira de ensinar a escrita alfabética, objeto de conhecimento primordial à alfabetização, uma vez que

a escrita alfabética não é um mero código de transcrição da fala, como ainda concebem alguns. Ela é um objeto de conhecimento em si, um sistema notacional, e seu aprendizado requer que o estudante foque palavras e partes de palavras. Sendo mais explícitos: para compreender o alfabeto e aprender suas convenções, o principiante precisa “partir” o signo linguístico, esquecer,

provisoriamente, o significado e focar, de forma muito especial, o significante (oral e escrito). Só observando os significantes oral e escrito (a palavra escrita como sequência de letras, a sequência de sons pronunciados quando falamos a palavra), para poder analisar seus “pedaços” sonoros e gráficos, é que o aprendiz vai poder se apropriar da escrita alfabética. (MORAIS, 2021, p.123)

Percebe-se que é preciso assumir que o processo de apropriação da escrita alfabética inicia-se na educação infantil, no primeiro período até à segunda série do Ensino Fundamental, ou seja, dos 4 aos 8 anos, acontecerá o período de alfabetização, estabelecendo metas e objetivos a serem alcançados a cada ano letivo.

Alguns documentos oficiais regulamentam o direito de aprender, pois o processo de ensino-aprendizagem da alfabetização e letramento, faz-se necessário na vida escolar de todo aluno, para que toda criança possa aprender a ler e escrever e fazer uso dessa aprendizagem no contexto social. De acordo com a BNCC, nota-se que:

(...) Embora, desde que nasce e na Educação Infantil, a criança esteja cercada e participe de diferentes práticas letradas, é nos anos iniciais (1º e 2º anos) do Ensino Fundamental que se espera que ela se alfabetize. Isso significa que a alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica. Nesse processo, é preciso que os estudantes conheçam o alfabeto e a mecânica da escrita/leitura – processos que visam a que alguém (se) torne alfabetizado, ou seja, consiga “codificar e decodificar” os sons da língua (fonemas) em material gráfico (grafemas ou letras), o que envolve o desenvolvimento de uma consciência fonológica (dos fonemas do português do Brasil e de sua organização em segmentos sonoros maiores como sílabas e palavras) e o conhecimento do alfabeto do português do Brasil em seus vários formatos (letras imprensa e cursiva, maiúsculas e minúsculas), além do estabelecimento de relações grafofônicas entre esses dois sistemas de materialização da língua (BRASIL, 2018a, p. 89-90).

Muitas têm sido as mudanças no contexto social, político, educacional, acadêmico e científico no nosso país e no mundo inteiro. Mortatti (2021, p.23) ressalta que “apesar dos avanços conquistados, neste século XXI a alfabetização continua sendo um problema a demandar busca de soluções sempre urgentes”, pois os problemas sociais, econômicos, familiares, pedagógicos, ideológicos e políticos, têm afetado a alfabetização. Os problemas são antigos e reincide atualmente, sendo assim:

Há cerca de 40 anos que não mais de 50% (frequentemente menos que 50 %) das crianças brasileiras conseguem romper a barreira da 1ª série, ou seja, conseguem aprender a ler e a escrever. Segundo dados divulgados pelo Ministério da Educação, de cada mil crianças que, no Brasil, ingressaram na 1ª Série em 1963, apenas 449 passaram à 2ª série, em 1964. Em 1974 – portanto, dez anos depois - de cada mil crianças que ingressaram na 1ª série, apenas 438 chegaram a 2ª série em 1975. Quando dispusermos de dados semelhantes para a década de 1980, a situação não será diferente segundo indica estatísticas que as Secretarias Estaduais de Educação vêm apresentando anualmente. Nenhum progresso, nas últimas décadas. Somos um país que vem reincidindo no fracasso em alfabetização. (SOARES, 2020, p.14)

Toda criança tem o direito de aprender a ler e escrever com autonomia, pois alfabetizar é preciso e urgente para todas as classes sociais. Por isso, torna-se relevante que

aos oito anos de idade, as crianças tenham a compreensão do funcionamento do sistema de escrita; o domínio das correspondências grafofônicas, mesmo que dominem poucas convenções ortográficas irregulares e poucas regularidades que exijam conhecimentos morfológicos mais complexos; a fluência de leitura e o domínio de estratégias de compreensão e de produção de textos escritos. (PNAIC, 2013).

Em consonância com essa ideia, a criança precisa ser ensinada com um planejamento que contemple vencer habilidades necessárias para aprender a escrever e ler com eficiência, em outras palavras:

O conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados à leitura e à escrita, bem como sua prática produtiva. Pode compreender vários níveis: desde o mais básico, como o da *literacia* emergente, até o mais avançado, em que a pessoa que já é capaz de ler e escrever faz uso produtivo, eficiente e frequente dessas capacidades” (BRASIL, 2019, p.21).

Com a intenção de alfabetizar em um contexto de letramento, visto que são processos que precisam ser ensinados nas suas particularidades e trabalhados de maneira indissociáveis para que a aprendizagem seja significativa e produtiva no dia a dia de cada aluno, consolidando a leitura e a escrita de maneira eficiente. A Base Nacional Comum Curricular cita uma definição bem teórica para o verbo alfabetizar, ou seja, “Alfabetizar é trabalhar com a apropriação pelo aluno da ortografia do Português do Brasil escrito, comprometendo como se dá este processo (longo) de construção de um conjunto de conhecimento sobre o funcionamento fonológico da língua pelo estudante” (BRASIL, 2018, p.90), uma vez que a apropriação do sistema alfabético é um processo longo e exigente, que requer conhecer o funcionamento da língua para compreender e aprender com autonomia. Importante ressaltar que

Ao aprender as primeiras regras de correspondência entre grafema-fonema/fonema-grafema, a pessoa começa a decodificar, isto é, a extrair de uma 32 sequência de letras escritas a sua forma fonológica (ou pronúncia), e a codificar, isto é, a combinar em sinais gráficos (letras ou grafemas) os sons produzidos na fala. Em outras palavras, começa a ler e a escrever. O ensino dessas habilidades de leitura e de escrita é que constitui o processo de alfabetização. Se alguém é alfabetizado, significa que é capaz de decodificar e codificar qualquer palavra em sua língua. Mas a aquisição dessa técnica não é um fim em si. O objetivo é fazer que se torne capaz de ler e escrever palavras e textos com autonomia e compreensão (BRASIL, 2019, p. 18-19)

O Plano Nacional de Alfabetização, com o objetivo de fazer que o aluno seja capaz de ler e escrever com autonomia e compreensão palavras e textos, define que é necessário que o aluno na alfabetização seja capaz de decodificar e codificar combinando sinais gráficos, os sons produzidos pela fala, de modo que tais habilidades consolidadas favoreçam a leitura e a escrita autônoma, ao passo que o ato de ler e de escrever seja tão fundamental em nossa

sociedade quanto se torne efetivo, logo que todas as ações do ser humano passam, necessariamente, pela leitura e a escrita enquanto cidadão, seja locutor, interlocutor ou escriba.

As escolas, as políticas públicas, a sociedade, os pais e os professores têm um papel transformador no processo de ensino-aprendizagem das crianças, uma vez que contribuirão com a formação integral do aluno, levando a participar e atuar na vida em sociedade como um cidadão crítico, criativo, autônomo e proativo. Sendo assim, deve-se respeitar a idade para ser alfabetizado. Revendo os resultados da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), observa-se que não são tão favoráveis, pois “de 2016, 54,73% de mais de 2 milhões de alunos concluintes do 3º ano do ensino fundamental apresentaram desempenho insuficiente no exame de proficiência em leitura. Realizam a leitura, mas não compreendem o que acabaram de ler.” Acabam por praticar a decodificação, mas falta-lhes a compreensão que está associada às práticas sociais, pois é necessário que todos tenham eficiência na leitura. Com tal resultado, faz-se necessário identificar que, na execução das práticas pedagógicas de alfabetização, estas devem estar, simultaneamente, interligadas ao letramento, para que a leitura ganhe um novo patamar, saindo da decodificação e atingindo um nível de compreensão que possa dar autonomia, criticidade e significação a escrita e leitura.

Nesse caso, torna-se de grande importância refletir sobre a meta 5 do Plano Nacional de Educação (PNE): “alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental” (LEI Nº13.005/2014). A meta é relevante e exige planejamento, atividades sequenciadas, sistematizadas e desenvolvidas por profissionais capacitados, experientes e devidamente habilitados, uma vez que toda criança tem o direito de ser alfabetizada com eficiência e preparar-se para novas etapas depois do 3º ano. Pensando no ambiente escolar, enquanto um espaço importante para a alfabetização em adição com a proficiência da leitura e da escrita, vale pensar na organização da escola para realizar as práticas de ensino-aprendizagem com um propósito de criar um ambiente alfabetizador, com uma grade curricular apropriada, ou seja,

um currículo sustentado nas relações, nas interações, na realidade e em práticas educativas intencionalmente voltadas para as experiências concretas da vida cotidiana, para a aprendizagem da cultura, para o convívio no espaço da vida coletiva e para a produção de narrativas, individuais e coletivas, através de diferentes linguagens.(BRASIL, 2009, p.93).

Dessa maneira, a alfabetização estará em conformidade com as práticas sociais do letramento e da oralidade, tão necessárias no processo de alfabetizar. O próximo capítulo irá discorrer sobre oralidade e consciência fonológica.

2. ORALIDADE E ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

Este capítulo apresenta abordagens que embasam o tema oralidade, pois a oralidade está centrada na capacidade da expressão oral dos indivíduos e associada ao ritmo, entonação, volume e a gestualidade. A leitura de um texto em voz alta não pode ser confundida com oralidade, mas é pertinente a oralização, que tem como base o texto escrito. Nota-se que a oralidade, a escrita e a consciência fonológica são importantes no processo de alfabetização e na aprendizagem do sistema de escrita alfabética, assim como, nas práticas sociais, pois cada uma tem a sua individualidade contribuindo para a construção de saberes fundamentais para a consolidação dos conteúdos.

2.1 Oralidade e escrita

Em relação a aspectos sistemáticos da relação entre a fala e escrita, de acordo com Marcuschi e Dionísio (2005, p. 24), “até a década de 80 do século XX, poucos se dedicavam aos estudos da relação entre fala e língua escrita”, ou seja, eram exploradas separadamente e a escrita era mais valorizada, quando já existia a necessidade de retextualizar e validar tanto uma quanto a outra com a mesma intensidade. Atualmente, reduziu-se essa divisão, pois, conforme Marcuschi e Dionísio (2005, p. 25), a “fala e escrita são envolventes e interativas”, favorecendo práticas pedagógicas que contribuem para a alfabetização, o letramento e a oralidade em um eixo central com diversos textos, em especial os da tradição oral que são instrumentos para a aprendizagem do sistema de escrita em um contexto cultural popular. Para Marcuschi (2005, p.31), “a língua se manifesta e funciona em dois modos fundamentais: como atividade oral e como atividade escrita”, isto é, como práticas sociais: oralidade e letramento. Nota-se que a fala e a escrita apresentam variações, como particularidades e características próprias que colaboram com o processo de aprendizagem em um contexto de alfabetização e letramento, uma vez que

Tanto a fala como a escrita se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças o longo de dois contínuos sobrepostos. Isso equivale a dizer que tanto a fala como a escrita apresentam um contínuo de variações, ou seja, a fala varia e a escrita varia. (MARCUSCHI, 2005, p.62)

As modalidades oral e escrita constituem variações linguísticas como geográfica, histórica, social e formal/informal, sendo assim apresentam características próprias na maneira de expressar e na forma de registrar, mas elas precisam ser envolventes e interativas para que a comunicação entre o produtor e o interlocutor seja eficiente e compreensível. De acordo com Marcuschi (2005, p. 127), “a fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia a

dia das pessoas. Contudo, ainda hoje as instituições escolares dão à fala atenção quase inversa à sua centralidade, quando comparada a escrita”, contudo, vale pensar na fala e na escrita como modalidades que precisam ser ensinadas e aprendidas no decorrer da vida de cada pessoa dentro e fora da escola. A fala e a escrita são práticas sociais que contribuem para o processo de alfabetização em um contexto de oralidade e letramento. Assim sendo, Marcuschi (2005, p.68) nos leva a refletir “Como é fácil constatar, a fala realiza-se pelo meio fônico, e a escrita pelo meio gráfico. E esses seriam, a princípio, os únicos aspectos dicotômicos entre as duas modalidades em suas formas físicas de manifestação”.

A fala está relacionada ao som articulado que produz a mensagem por meio da voz e à maneira de expressar e comunicar por meio de palavras, produzindo a linguagem que é um processo mental de elaborar, compreender e interpretar a mensagem. A oralidade acontece com ou sem contato face a face, ou seja, trata-se da capacidade de expressão oral dos indivíduos. A oralidade não se restringe ao estudo da materialidade da fala, mas envolve contextos sociais específicos, como: ritmo, entonação, volume, gestos e mímica. Portanto,

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional da língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciado (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou outra esfera da atividade humana. (BAKHTIN, 1997, p.281)

As relações entre linguagem e sociedade são indissociáveis, assim como a alfabetização e o letramento em associações com o contexto em que é enunciado por meio da fala, da oralidade ou da escrita. Por isso, a oralidade e a escrita apresentam variações históricas e regionais: ambas possuem os usos mais formais e também menos formais. Tanto a oralidade quanto a escrita são práticas fundamentais para a sociedade, para a comunicação no dia a dia e para o ensino-aprendizagem da alfabetização, enfim, para uma ou outra esfera da atividade humana.

2.2 A importância das tradições orais no processo de alfabetização

A tradição oral é importante para a preservação de saberes e de culturas locais. Embora os livros sejam ótimos meios de contar histórias, e de transmitir informações para as futuras gerações, eles não são os únicos com esse poder.

Os brancos desenham suas palavras porque seu pensamento é cheio de esquecimentos. Nós guardamos as palavras dos nossos antepassados dentro de nós há muito tempo, e continuamos passando-as para os nossos filhos... são eles que nos fazem ver e conhecer as coisas de longe, as coisas dos antigos. É o nosso estudo, o que nos ensina a sonhar (BUSATTO, 2006, p. 10-11).

Na verdade, muitas histórias, contos, canções, provérbios muitas vezes não foram transmitidos por livros, mas oralmente, de geração em geração e existem devido a essa prática da oralidade. Sendo assim, a tradição oral preserva uma cultura, um saber popular, apenas com a oralidade, de uma geração para a outra. Além disso, esta tradição surgiu no início da vida humana na Terra, quando ainda não havia escrita ou outra forma de registrar histórias.

O ser humano se insere numa realidade de tradição oral. Antes mesmo de escrever, o homem desenvolveu a capacidade de se comunicar oralmente, por isso a oralidade é uma prática social de grande impacto na alfabetização, contribuindo para a aprendizagem do sistema de escrita em um contexto de letramento. Os textos da tradição oral, por sua natureza lúdica, apresentam vínculos prazerosos com a leitura e com a escrita. Sendo assim, é notável a importância dos textos orais no contexto escolar como elemento integrador e motivador no processo de alfabetização, contribuindo para um processo de aprendizagem significativa lembrando que a percepção visual deve ser contínua e processual, tornando primordial para o desenvolvimento das habilidades de escrita do sujeito.

Todavia a concepção de que a escrita seja a representação da fala não procede, pois, segundo Antônio Marcuschi, (p.17, 2001), “a escrita não consegue produzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, dentre outros”, e não quer dizer que a oralidade seja mais importante que a escrita, cada uma apresenta práticas e características próprias e ambas permitem a construção de textos coesos. A oralidade é a prática de uso da língua e envolve a fala, a prosódia, a entonação, os gestos, as expressões faciais, os movimentos corporais, dentre outros. Beth Marcuschi, no glossário CEALE (2022), explica que:

a noção de oralidade está estreitamente relacionada ao uso da modalidade oral da língua em práticas sociais e discursivas, tanto no que se refere à sua produção, quanto no que diz respeito à sua escuta. Envolve a ação de linguagem de sujeitos ativos e responsivos em contextos interacionais diversos (públicos ou privados) e registros de linguagem variados (formais ou informais).

A oralidade, enquanto uma prática social, está presente tanto nas produções orais, quanto no ato de escutar. Assim como a oralidade não está fechada na fala, mas voltadas para as práticas sociais que envolvem especificidades da linguagem, as produções verbais e não verbais podem influenciar a interação do interlocutor na alfabetização, pois

A oralidade não se restringe ao estudo da materialidade da fala, mas envolve, em contextos socioculturais específicos, a fala associada a seu ritmo, entonação, volume e entrelaçada a múltiplas linguagens, como a gestualidade, a mímica, a imagem e até à modalidade escrita da língua (por exemplo, na TV, numa exposição oral em que se usa algum apoio escrito). Mesmo quando um indivíduo não se manifesta verbalmente, suas reações corporais (de interesse,

curiosidade, tédio, indiferença, cansaço, emoção, entre outras) podem influenciar nas decisões discursivas tomadas por seu(s) interlocutor(es) e, com isso, no andamento da interação.” (CEALE, 2022)

A oralidade em contextos socioculturais traz a fala interagindo com múltiplas linguagens associada ao ritmo, entonação, volume, gestos dentre outros, podendo influenciar nos discursos dos interlocutores. Como por exemplo, as aptidões da fala são perceptíveis nos primeiros anos de vida, ou seja, as crianças nascem com o dom da fala e o meio em que vivem e convivem favorece a comunicação, exceto se nascerem com alguma doença genética. A oralidade é muito natural do ser humano e o meio em que socializa é um lugar propício para a interação, o desenvolvimento e a aprendizagem. Desenvolve-se, assim, múltiplas linguagens que influenciarão a comunicação dos interlocutores, explorando os gêneros orais para materializar cada modalidade da fala. A cada dia, os alunos viverão momentos que melhorarão tais práticas sociais e ampliarão o vocabulário, auxiliando na compreensão de novas práticas de oralidade, fator importante para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional, por meio dos gêneros orais presentes no dia a dia das crianças, nas interações e conversas, nas histórias, nas cantigas, nas parlendas, nos trava-línguas. Além disso, percebe-se que as tradições orais favorecem as aprendizagens significativas, ampliando o vocabulário e refinando a pronúncia. Por isso, a criança vai se desenvolvendo e passa por processos em diferentes contextos: socializando, aprendendo, interagindo, falando, observando, escutando e compreendendo o uso da língua a partir de uma perspectiva que compreende a oralidade e letramento como práticas sociais.

Em 2019, Tânia Guedes Magalhães e Caroline Souza Ferreira organizaram juntamente com o apoio de outros professores universitários um livro de grande contribuição para o meio acadêmico. Os capítulos que abordam a oralidade contribuem para este trabalho e com as práticas de integração da oralidade, favorecendo o letramento, demonstrando como sistematizar atividades de escuta na escola por meio de gêneros orais. Percebe-se que assim como o sistema alfabético precisa ser ensinado e sistematizado, assim também ocorre com a oralidade. As autoras Magalhães e Ferreira (2019, p.40), ao abordarem a compreensão da oralidade, mais precisamente “para compreenderem os gêneros orais com os quais interagem atividades de escuta que levam os educandos a construir sentido para a interação, compreendendo a fala do outro na situação discursiva específica”, como por exemplo, em notícias, entrevistas e propagandas, nota-se uma interação dos alunos e a comunidade ao redor da escola, modificando a condição dos envolvidos no projeto, melhorando o convívio social. É notável a necessidade de observar os “valores e preconceitos veiculados no discurso”, isto é, “as marcas discursivas

para o reconhecimento das intenções” assim como fazer um “levantamento das hipóteses e inferir sobre os objetivos do produtor”. Em suma, essas observações, demonstram que a “escuta de textos oralizados, como leitura em voz alta, contribuiu para a construção da compreensão” de acordo com o ponto de vista das autoras Magalhães e Ferreira (2019, p.40).

Escuta ativa: atividade escolar de interação com gêneros orais, proposta por mediação pedagógica pelo professor, para análise de uma situação realizada pela fala, que vá além da identificação de temas e participantes, cujos objetivos são:
1) Compreender gêneros orais (ou escrita oralizada);
2) Analisar gêneros orais;
3) Aprender a escutar: analisar comportamentos e participações nas interações orais;
4) Compreender o funcionamento de gêneros orais com vistas à participação social;
5) Tomar notas;
6) Retextualizar e analisar a relação oral escrito a partir da transcrição.

Fonte: Alvim e Magalhães (2018, p. 116).

Em virtude do procedimento da escuta ativa na escola, elaborado por Alvim e Magalhães (2019, p. 35), seguem as categorias para intervir e analisar os conhecimentos apreendidos, ou seja, testando as funções da escuta descritas no quadro abaixo:

A escuta ativa perpassa pela mediação pedagógica do educador para analisar a interação da fala com objetivos para contextualizar a atividade de escuta. Por isso, faz-se fundamental: compreender gêneros orais (ou escrita oralizada); analisar gêneros orais; aprender a escutar: analisar comportamentos e participações nas interações orais; compreender o funcionamento de gêneros orais com vistas à participação social; tomar notas; retextualizar e analisar a relação oral escrito a partir da transcrição. Tais objetivos bem explorados e trabalhados em um projeto

interdisciplinar poderão contribuir com a oralidade, o letramento e a alfabetização de forma contextualizada.

Os procedimentos da escuta ativa na escola envolvem os elementos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos, são organizadores das atividades que envolvem a oralidade, estruturando as práticas para que seja explorado da melhor maneira possível, compreendendo assim, cada particularidade. Pode ser utilizado em atividades de gêneros orais e na retextualização, caso seja necessário fazer sempre o *feedback* com os alunos para avaliar o procedimento da escuta ativa. O educador é o fio condutor dos projetos e quando envolve a oralidade, vale tomar notas das observações como: dificuldades de; ortografia; de fazer síntese; de esperar a sua vez de falar; de saber escutar e em relacionar informações orais e escritas, dentre outras.

De acordo com o procedimento da escuta ativa na escola, citada no quadro acima, nota-se a necessidade das interações orais (falar e escutar) e observa-se que cada elemento linguístico poderá justificar explicações ou exemplos dos comportamentos e das participações em atividades de oralidade, buscando retextualizar os textos escritos em orais e vice versa, pois tanto a fala quanto a escrita são ensinadas, sistematizadas ao longo da escolarização para não se tornar uma atividade automatizada e descontextualizada. Ensinar a falar para alguém ouvir e a calar para escutar o que falam promove nos alunos posturas de atenção e concentração. Favorecem aos alunos momentos oportunos para opinarem e respeitarem opiniões de outros falantes. E assim, o trabalho com a oralidade, se bem explorado, contribuirá para a interação da turma dentro e fora do ambiente escolar. Cabe ressaltar a importância de aprender a escutar, uma habilidade fundamental para o desenvolvimento e aprendizagem dos discentes, pois a escuta auxiliará nas práticas de oralidade e contribuirá para novas descobertas na alfabetização.

A oralidade tem a função de trabalhar a parte de ouvir e entender do aluno, estimulando uma habilidade importante, como a interpretação no processo de alfabetização. A oralidade desempenha um papel fundamental no que diz respeito ao desenvolvimento das habilidades de ler e escrever, isto se dá em função da capacidade de aprender através do ouvir. Nesse contexto, a alfabetização é um processo que pode ser mediado através da oralidade, tendo como as tradições orais (as cantigas, parlendas, poemas, dentre outros) como motivadores para contribuir no processo de alfabetização.

Faz-se necessário analisar a oralidade em diversos contextos sociais, em conformidade com Marcuschi (2001, p.25): [...] "a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade

sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso.”

No dia a dia o ser humano adquire a oralidade por meio das relações sociais e o contexto comunicativo direcionará o comportamento da situação comunicativa e o tipo de linguagem que será utilizado, por essa razão, as práticas sociais da oralidade são uma maneira de socialização e inclusão cultural.

Sabe-se que a oralidade e o letramento são importantes no processo de alfabetização, são práticas sociais, com algumas individualidades, ou seja, a oralidade são práticas sociais interativas para fins comunicativos e o letramento aborda diversas práticas sociais que envolvem a escrita na sociedade e o uso social dessa escrita. Por exemplo, uma pessoa pode não saber ler e escrever, ou seja, ser analfabeta, mas poderá possuir um tipo de letramento que capacitará para atividades do dia a dia. Conforme Marcuschi 2002, p.16):

Considerava-se a relação oralidade e letramento como dicotômica, atribuindo-se à escrita valores cognitivos intrínsecos no uso da língua, não se vendo nelas duas práticas sociais. Hoje [...] predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sócias e culturais.

Sabe-se que a linguagem falada e a linguagem escrita são parceiras, tendo as suas individualidades, mas não devem ser ensinadas separadamente, pois uma influencia a outra na rotina escolar e no processo de alfabetização, sendo fundamentais para a consolidação da aprendizagem. Assim, o trabalho com a consciência fonológica pode auxiliar no processo de aquisição da escrita. O próximo capítulo irá apresentar o percurso metodológico deste trabalho.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa busca investigar a alfabetização em um contexto de letramento e oralidade. Nesse sentido analisa como os textos da tradição oral podem contribuir para o processo de aprendizagem do sistema de escrita, favorecendo a consolidação da alfabetização. Em consonância com Soares (2021, p.37), a autora menciona que alfabetização e letramento são processos independentes e indissociáveis no processo de aprendizagem, isto é, pode-se comparar a “ um quebra-cabeça, cada peça só ganha sentido quando associada a outra peça que se complementa. Também a alfabetização e letramento são processos interdependentes”, que ao serem trabalhados de forma complementar contribuem para os processos de ensinar e aprender, tendo como eixo central os textos da tradição oral, pois ao retornar a analogia do quebra-cabeça, nota-se que ensinar a ler e escrever é um processo que exige tempo e dedicação, trabalhando e respeitando as individualidades e as diferenças de cada aluno:

No quebra cabeça, as peças são diferentes, com cada peça tendo uma forma que se encaixa à forma específica de outra. Também os processos de alfabetização

e letramento são diferentes, envolvendo, cada um, conhecimentos, habilidades e competências específicos, que implicam processos de aprendizagem diferenciados e, conseqüentemente, procedimentos de ensino. (SOARES, 2021, p.37)

Em virtude de os processos de aprendizagens e os procedimentos de ensino apresentarem didáticas diferenciadas, não se pode trabalhar um e se esquecer do outro, os dois processos devem manter a interação e devem ser executados e explorados ao mesmo tempo, pois, segundo Soares (2021, p.37), “alfabetizar e letrar de forma indissociável e simultânea” se faz necessário para que a consolidação do processo aconteça. O documento da Avaliação Nacional da Alfabetização (2013), em conformidade com o ponto de vista de Magda Soares, nos diz que

Os termos “alfabetização” e “letramento” no referido documento Avaliação Nacional da Alfabetização (2013) coaduna-se com as discussões acadêmicas conduzidas nos últimos anos, as quais consolidaram a ideia de articulação entre essas noções, considerando que, embora sejam dois processos distintos, são complementares e importantes no processo de aquisição da língua escrita. Desse modo, entende-se que o processo de apreensão do código alfabético deva ser associado à compreensão dos significados e seus usos sociais em diferentes contextos. (ANA, 2013, p.9)

Nota-se a necessidade de trabalhar alfabetização e letramentos simultaneamente articulando a escrita alfabética e as práticas sociais do letramento e da oralidade em diferentes contextos, com a enriquecedora contribuição dos textos das tradições orais para assim consolidar o processo de aquisição da língua escrita associado à compreensão dos significados e seus usos sociais.

Com referência à natureza da fonte utilizada para a abordagem, a pesquisa é bibliográfica. De acordo com os propósitos estabelecidos para este trabalho, a pesquisa efetuada caracteriza-se pela categoria teórica já exploradas e trabalhadas por outros pesquisadores. A pesquisa contou com uma investigação teórica, exploratória e qualitativa sobre as questões fundamentais para a discussão proposta, pois

...pesquisa bibliográfica [é] realizada a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes nos textos. (SEVERINO, 2017, p.88)

Em virtude da importância da pesquisa bibliográfica no âmbito da educação, é notável que a metodologia se apresentou a partir de conhecimentos já estudados, ou seja, o pesquisador buscou analisar e registrar para comprovar suas hipóteses. Assim, foram adquiridos e agregados novos conhecimentos sobre alfabetização, letramento e oralidade em um contexto de tradições

orais para consolidar a aprendizagem do sistema de escrita alfabética embasados em leituras, fichamentos e pesquisas anteriores de autores que são pertinentes à essa pesquisa.

Dessa forma, define-se como objetivo geral compreender como os textos da tradição oral podem contribuir para o ensino e aprendizagem do sistema de escrita em um contexto de letramento e oralidade. Para alcançar esse objetivo geral, são propostos os seguintes objetivos específicos: (i) refletir sobre a contribuição dos textos da tradição oral como suporte pedagógico para alfabetizar; (ii) produzir um caderno pedagógico destinado ao professor alfabetizador com sugestões de práticas pedagógicas (propostas do alfabetizar) que favoreçam à apropriação do sistema de escrita, por meio dos textos da tradição oral e (iii) contribuir para o processo de formação de professores alfabetizadores, por meio da disponibilização do material pedagógico.

Para alcançar o objetivo de produzir o caderno pedagógico com sugestões de práticas escolares mediadas com recursos diversificados para o trabalho com o processo de alfabetização, será dada ênfase na aprendizagem do sistema de escrita. Esse material didático contribuir-se-á para a formação continuada do educador, a partir de teorias dos autores estudados e colaborar-se-á com o processo de alfabetização. O intuito, com esse produto educacional, não é fornecer modelos de atividades, para desenvolverem habilidades de ensino-aprendizagem da escrita do sistema alfabético, mas sugerir alternativas para que cada educador possa criar caminhos que ajudem os alunos a consolidarem o processo de escrita, adequando-os à realidade da turma. Já que

Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei. Por isso, tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei. E saberei tão melhor e mais autenticamente quanto mais eficazmente construa minha autonomia em respeito à dos outros. (FREIRE, 2002, p. 106)

Cabe ao educador avaliar as práticas pedagógicas e procurar em conjunto com o interesse do discente a autonomia do conhecimento, ou seja, buscar entender o que ainda não sabe e melhorar o que já aprendeu agregando novas informações para que, com eficácia e autenticidade, aconteça a aprendizagem do processo de construção do sistema de escrita alfabética.

Vale pensar e desenvolver atividades, jogos, brincadeiras, cantigas e poemas com valor cultural, por isso, há neste trabalho um resgate das tradições orais, tão presente nas nossas infâncias e passadas de geração em geração. As tradições orais podem ser usadas também como recurso para trabalhar etapas do processo de alfabetização, letramento, oralidade estimulando aprendizagens que envolvem a consciência fonológica, rimas, aliteração, consciência de sílabas, por fim, a apropriação do sistema de escrita alfabética.

A escrita serve justamente para estabelecer o processo de comunicar de forma coerente e coesa. Quem escreve, escreve para ser lido, e a escrita serve como um elo entre quem fala e quem ouve; entre quem escreve e quem lê. Ao escrever, é imprescindível levar em consideração o interlocutor como sujeito do processo da interação verbal, para que ele possa entender o que foi escrito. De acordo com Bakhtin (1995, p. 113):

Na realidade toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. [...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor [...].

Para Cagliari (2009, p. 148–149), “A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola”. Por isso, vale pensar e desenvolver atividades, jogos, brincadeiras, cantigas e poemas com valor cultural e é por isso que há neste trabalho um resgate das tradições orais, tão presente nas nossas infâncias e passadas de geração em geração.

Nota-se a necessidade de trabalhar a oralidade e o alfalettrar sem dissociá-los e sempre levando em consideração as particularidades de cada um, pois a língua falada envolve gestos, entonação, expressão facial etc. e a língua escrita requer um ensinamento minucioso para que o aluno possa compreender e vencer as dificuldades que aparecerem.

De acordo com Simões (2006, p.16):

A língua falada conta com a assessoria de recursos como gesto, o tom, expressão facial e o timbre de voz etc., os quais não são transportáveis para o escrito. A língua escrita, por sua vez, apresenta figura não conversíveis em som (letras “mudas”, pontuação, diacríticos etc.); espaços em branco sem correspondência no texto oral, visto que a emissão oral é contínua, além de outras particularidades. Por isso a apropriação da leitura e da escrita, pela criança é um processo de alto grau de complexidade e requer do professor competência técnico-pedagógica específica, para que as dificuldades possam ser minimizadas.

Dando sequência às unidades, como sugestão, para a consolidação do aprendizado, vamos pensar no sistema de escrita alfabética como um novo aprendizado e conhecimento e para que a criança possa compreender o que está aprendendo, tenhamos um diálogo e façamos uma reflexão, com a citação de Cagliari, 2009, p.84):

Diante de tudo isso, vale a pena dar atenção à criança, “é preciso dialogar, ouvir das crianças o que é escrever, para que serve a escrita, valorizando a opinião que cada um possa apresentar”.

Que cada aluno na sua caminhada estudantil possa interagir e aprender a apreender e para isso foi construído um caderno pedagógico com unidades e, tais unidades foram divididas por assuntos importantes para o processo de alfabetização com textos da tradição oral no ensino-aprendizagem do sistema de escrita com propostas para o alfalettrar.

As unidades trazem assuntos como:

- Unidade I: Diálogo e orientações para os educadores, com embasamentos teóricos para os educadores;
- Unidade II: A história da escrita, uma história e Ruth Rocha com um conteúdo que ajuda a compreender a evolução da escrita;
- Unidade III: Apresenta os textos e atividades para explorar a consciência fonológica tão necessária ao processo de alfabetização e compreensão dos fonemas;
- Unidade IV: apropriação do sistema de escrita tão necessária a alfabetização;
- Unidade V: consciência de rimas e aliteração auxilia na aprendizagem de forma lúdica, por meio de cantigas, parlendas, aliterações etc.;
- Unidade VI: consciência de sílabas uma etapa que auxilia na escrita e na leitura, mostrando se a criança está na fase pré-silábica, silábica, silábica-alfabética ou caminhando para a fase alfabética.

A produção desse caderno pedagógico é de grande significado para a Universidade e para os pesquisadores e alunos, pois ao elaborá-lo foram muitas as ideias e muitas trocas entre a professora orientadora para que toda a estrutura pudesse estar alinhado a teoria pesquisada. Nota-se que a base da minha pesquisa são as obras de autores já citados na fundamentação teórica, que discutem o assunto e, em especial, a brilhante pesquisadora e educadora Magda Soares. Pesquisei nos modelos do repositório da UFLA, e a orientadora Mauriceia, me encaminhava muitos textos pertinentes e alguns que muito contribuíram para essa pesquisa foram as obras de Luiz Antônio Marcusche (2001).

O que me orientou a conseguir dar sentido ao caderno pedagógico, foram as citações de Soares que dizem: “O texto é o eixo central da alfabetização”, (p.37, 2021) e a “Alfabetização e letramento são indissociáveis” (2004, p.11). Por essa razão eu e a orientadora selecionamos textos da tradição oral com atividades que dialogavam com os textos. Os buscadores usados foram o Google, para certificar quais textos eram das tradições orais e surgiu a ideia de criar o QRcode para selecionar tais cantigas, parlendas adivinhações etc. e ideia de colocar o QRcode, para facilitar o acesso do educador aos textos da tradição oral. Esse trabalho ao passar pela banca, sofreu alterações necessárias para que pudesse ficar cada vez melhor. Chegamos à conclusão de que esses cadernos requerem um título, e surgiu a ideia: “A tradição oral no processo de alfabetização e letramento para a (educação Infantil) e anos iniciais.”

Ao realizar a pesquisa de investigação teórica, exploratória e qualitativa evidenciou a necessidade de ensinar o processo da escrita alfabética aos alunos com a interação das práticas sociais em consolidação com o processo de alfabetização. Então, vale reconhecer que a

formação continuada, do educador, é primordial, em especial o alfabetizador, para atuar em segmentos da educação infantil e nos anos iniciais. Buscando investir, na sala de aula, em ações lúdicas, concretas e sistematizadas, promovendo práticas sociais do letramento, da oralidade e da consciência fonológica em um contexto de alfabetização, como bem distribuída nas unidades do caderno pedagógico. Por fim, faz-se necessário, estimular habilidades e competências necessárias para consolidar o processo de aprendizagem da escrita alfabética, grafofonêmica, por meio de textos, em especiais os da tradição oral.

Realmente, após culminar essa dissertação, não dá para alfabetizar sem letrar. Pois, um complementa o outro e todo educador deve sempre prezar pela alfabetização e paralelamente o trabalho com o letramento deve ser realizado, por meio de práticas de leitura, textos da tradição oral, textos escritos, favorecendo o resultado esperado. A alfabetização e letramento seguiram o caminho da teoria pesquisada e comprovada por Magda Soares em anos de estudo e dedicação. Para trabalhar com a tradição oral teve uma questão pessoal, pois eu gosto de cantar com meus alunos, usei indicações dos textos encaminhados pela orientadora, tomei como gancho e ponto de partida os trabalhos sobre oralidade, em especial de Marcuschi.

O caderno tem como foco, a formação continuada do professor e o educador irá adaptar como for melhor a turma. Sendo assim, é notável que os objetivos propostos foram alcançados, pois o caderno pedagógico contribui para a formação continuada de todo educador interessado, orienta ao educador a necessidade de ensinar o processo de ensino-aprendizagem do sistema de escrita na alfabetização com práticas sociais do letramento e da oralidade por meio dos textos da tradição oral.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que a partir da globalização, as práticas sociais e culturais começaram a ganhar espaço nas salas de aula e o domínio apenas do código não é mais suficiente para uma participação efetiva na sociedade e, na década de 80, surge o termo letramento para nomear um processo distinto da alfabetização. Para Soares (2021) alfabetização e letramento são processos distintos, porém complementares⁵. A alfabetização e o letramento são processos distintos, com bases cognitivas e linguísticas específicas, mas na aprendizagem inicial da escrita, eles devem atuar ao mesmo tempo, ou seja, se tornam indissociáveis. Cada processo possui a sua identidade, a sua tecnologia e as suas particularidades, mas juntos podem transformar e dar significação ao ensino-aprendizagem do sistema de escrita.

Por isso esta pesquisa abordou o tema alfabetização e o meu interesse nesse assunto não é algo novo. Creio que iniciou quando passei pelo processo de alfabetização. Eu usava demais a imaginação e não compreendia tudo o que era exposto na sala de aula. Naquela época, para haver a aprendizagem, a metodologia utilizada era memorização e “decoreba”. Enquanto meus colegas estavam na repetição da família silábica da cartilha caminho suave, eu queria compreender cada parte. Mas, não era possível, pois a professora precisava cumprir o planejamento e seguir com o conteúdo.

Pensando na minha trajetória, desde criança, é notável que sempre sonhei em ser professora e persegui esse caminho tão sonhado e desejado. Todas as minhas formações me conectaram com o ensinar e o aprender. Descobri que nessa caminhada somos aprendizes e que o que aprendemos não é rígido, pronto e acabado, estamos em constante processo de mudanças e adaptações. Não poderia deixar de ressaltar que existe um fio condutor que perpassou a minha infância e continua influenciando as minhas práticas pedagógicas, que são tradições orais, em especial as cantigas. Não sou cantora, mas como educadora há mais de 23 anos, gosto muito de cantar e de passar ensinamentos por meio da oralidade em sintonia com o letramento e a alfabetização.

Pois a alfabetização é um processo bastante complexo e, para aprender ler e escrever, o aprendiz usa seus conhecimentos sobre a língua, sobretudo aqueles relacionados à linguagem oral. A oralidade, enquanto prática de uso da língua, como a fala, a prosódia, a entonação, os gestos, as expressões faciais, os movimentos corporais, possuem características e modos de organização diferentes da escrita. Considerando que a alfabetização, o letramento e a oralidade ocupam um espaço proeminente no processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar, percebe-se que esse estudo se faz necessário na Educação Infantil e nos anos iniciais para que a consolidação do processo de leitura e escrita aconteça.

O objetivo geral está pautado em produzir um caderno pedagógico destinados ao professor alfabetizador com sugestões de práticas pedagógicas que favoreçam a apropriação do sistema de escrita, por meio dos textos da tradição oral. Para alcançar esse objetivo geral, são propostos os seguintes objetivos específicos: (i) refletir sobre a contribuição dos textos da tradição oral como suporte pedagógico para alfalettrar; (ii) produzir um caderno pedagógico destinado ao professor alfabetizador com sugestões de práticas pedagógicas (propostas do alfalettrar) que favoreçam à apropriação do sistema de escrita, por meio dos textos da tradição oral e (iii) contribuir para o processo de formação de professores alfabetizadores, por meio da disponibilização do material pedagógico. Dessa forma, os educadores devem buscar capacitação para compreender o que ensinar e como ensinar, apoiando-se em pesquisadores e

teorias que possam dar embasamento para ensinar com propriedade. Percebe-se a necessidade de conhecer os fundamentos que norteiam o processo de alfabetização e letramento para que os educadores tenham subsídios para ensinar e avaliar o que foi ensinado. Não basta que o aluno saiba decodificar e codificar, ele precisa fazer uso social do que aprendeu. Por isso, cabe ao educador compreender e buscar obter noções dos fundamentos psicológicos, fonológicos, linguísticos e sociolinguísticos para contemplar educandos que possam ir além da decodificação.

Assim, espera-se que o presente trabalho contribua para os professores alfabetizadores, proporcionando aprendizagens significativas aos protagonistas da escola: os alunos. Sendo assim, interagindo com a oralidade e possibilitando a compreensão e consolidação do sistema alfabético em um contexto social e cultural, adequado à realidade do ambiente escolar. Pois o sistema de escrita alfabética é fundamental no processo de alfabetização e precisa ser ensinado aos discentes para que possam dar seguimento às outras etapas. Nesse processo, o trabalho do professor é indispensável ao processo de aprendizagem do sistema de escrita alfabética. E é nessa perspectiva que embasamos este trabalho de pesquisa bibliográfica.

A alfabetização e o letramento – aqui delimitada como o ato de aferir uma experiência de conhecimento – ocupa (em tese) um espaço proeminente no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita no ambiente escolar. Pois, a alfabetização é um processo bastante complexo e para aprender a ler e escrever, o aprendiz usa seus conhecimentos sobre a linguagem escrita e, em especial a oral. A oralidade, enquanto prática de uso da língua, como a fala, a prosódia, a entonação, os gestos, as expressões faciais, os movimentos corporais, possui características e modos de organização diferentes da escrita. Em outras palavras, os processos de alfabetização, letramento e oralidade são complementares, pois une o aprendizado sobre o sistema de escrita às práticas sociais, consolidando a escrita e a leitura para além da decodificação, de modo a capacitar o aprendiz a utilizar leitura e escrita como práticas sociais.

Vale ressaltar que a oralidade e o letramento em contextos socioculturais trazendo a fala e interagindo com múltiplas linguagens associadas ao ritmo, entonação, volume, gestos dentre outros, podendo influenciar nos discursos dos interlocutores. Como por exemplo, as aptidões da fala são perceptíveis nos primeiros anos de vida, ou seja, as crianças nascem com o dom da fala e o meio em que vivem e convivem favorece a comunicação, exceto se nascerem com alguma doença genética. A oralidade é muito natural do ser humano e o meio em que socializa é um lugar propício para a interação, o desenvolvimento do letramento e o ensino-aprendizagem da alfabetização.

Sabe-se que a oralidade e o letramento são importantes no processo de alfabetização, são práticas sociais, com algumas individualidades, ou seja, a oralidade são práticas sociais interativas para fins comunicativos e o letramento aborda diversas práticas sociais que envolvem a escrita na sociedade e o uso social dessa escrita. Por exemplo, uma pessoa pode não saber ler e escrever, ou seja, ser analfabeta, mas poderá possuir um tipo de letramento que capacitará para atividades do dia a dia.

Para inserir o aprendiz no mundo da escrita é necessário que o professor alfabetize em um contexto de letramento e oralidade, interagindo os saberes e garantindo a criança aprender a ler e escrever.

Espera-se que o presente trabalho contribua para os professores alfabetizadores, em um trabalho conjunto com as famílias, proporcionando aprendizagens significativas aos protagonistas da escola: os alunos. Sendo assim, interagindo com as tradições orais e possibilitando a compreensão e consolidação do sistema alfabético em um contexto social e cultural, adequado à realidade do ambiente escolar e usando com autenticidade o que aprendeu fora da escola. Uma vez que o estudo em pauta se situa na área da educação com enfoque na produção de material didático destinado para práticas pedagógicas da alfabetização em um contexto de letramento considerando-se que “letrar é desenvolver habilidades de leitura, interpretação e produção de texto. Alfabetizar é situar no texto a aprendizagem do sistema alfabético de que os alunos precisam apropriar para que se tornem capazes, eles também, de ler e escrever textos.” (SOARES, 2021, p.33).

Pois, os processos de aprendizagens e os procedimentos de ensino apresentam didáticas diferenciadas, não se pode trabalhar um e esquecer do outro, os dois processos devem manter a interação e devem ser executados e explorados ao mesmo tempo, pois, segundo Soares (2021, p.37), “alfabetizar e letrar de forma indissociável e simultânea” se faz necessário para que a consolidação do processo aconteça, e sempre que a oralidade é explorada por meios dos textos das tradições orais, o trabalho torna-se prazeroso e instigante, fazendo com o aluno, o protagonista da escola, compreenda o processo e aprenda significativamente.

Para alcançar o objetivo de produzir um material didático, voltado para um caderno pedagógico com sugestões de práticas escolares mediadas com recursos diversificados para o trabalho com o processo de alfabetização com ênfase na aprendizagem do sistema de escrita, e colaborar com o processo de alfabetização foi feito um caderno pedagógico, ressaltando que, ao elaborar o material didático o intuito não é fornecer modelos de atividades, para desenvolver habilidades de ensino-aprendizagem da escrita do sistema alfabético e, sugerir alternativas para

que cada educador possa criar caminhos que ajudam os alunos a consolidarem o processo de escrita, adequando-os à realidade da turma.

Cabe ao educador avaliar as práticas pedagógicas e procurar em conjunto com o discente a autonomia do conhecimento, ou seja, buscar entender o que ainda não sabe e melhorar o que já aprendeu agregando novas informações como a consciência fonológica, aliteração, consciência e sílabas, rimas e consciência fonêmica para que com eficácia e autenticidade aconteça a aprendizagem do processo de construção do sistema de escrita alfabética.

Vale pensar e desenvolver atividades como jogos, brincadeiras, trava-línguas, adivinhações, parlendas, cantigas e poemas com valor cultural, para que aconteça neste trabalho um resgate das tradições orais, tão presente na infância e passadas de geração em geração.

A realização desse produto educacional, com unidades, está interligada à alfabetização, à oralidade e ao letramento em um contexto de leitura e escrita. Um material que atenderá a Educação Básica: 1º e 2º anos, que pode ser usado pelos educadores da educação infantil e encontra-se alinhado ao campo de atuação artístico-literário, com os gêneros “ cantigas de roda ” (na perspectiva das práticas sociais: da oralidade e do letramento).

O caderno pedagógico é um recurso organizado para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem com sugestões de atividades para ajudar a consolidar os caminhos da escrita alfabética, para que a alfabetização aconteça em um contexto de letramento e oralidade.

Educadores que a arte de ensinar a ler e escrever possa nos transportar para o universo das cantigas, parlendas, poemas e poesias, trava-línguas, adivinhações e que o processo de ensino-aprendizado da leitura e da escrita seja consolidado, pois é muito bom ver uma criança descortinando o mundo letrado.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Marilyn Jager... et al. **Consciência fonológica em crianças pequenas**/ Marilyn Jager Adams... [et al]. – Porto Alegre: Artmed, 2006. 215 p.09]

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. “**Informação e documentação**”. Referências- Elaboração: NBR 6023. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
Alfabetização e letramento na BNCC: **problemas conceituais, lacunas e inadequações no que é prescrito para os dois anos iniciais do ensino fundamental**. Artur Gomes de Moraes. Debates em Educação | Maceió | Vol. 12 | Número Especial | 2020 | DOI: 10.28998/2175-6600.2020v12nEsp01-16

Alfabetização e letramento, Magda Soares, YouTube, 16 de maio de 2017, 8minutos e 32 segundos, p. 1 a 4. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aworj9UvHgk>. Acesso em 02 de set. de 2020.

Alfabetização, Magda Soares, glossário do CEALE. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao>. Acesso em 10 de abril de 2022, 13h23min.

ALVIM, V. T.; MAGALHÃES, T. G. **Oralidade na escola: a “escuta ativa” como procedimento didático no ensino de Língua Portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental**. In: BARROS, E. M. D. et al. Propostas didáticas para o ensino de Língua Portuguesa. São Paulo: Pontes, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fortes, 1997.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018a.

BRASIL.(2013). Ministério da Educação. Avaliação Nacional da Alfabetização- ANA: documento básico. Brasília: INEP. Disponível em < [http:// portal .inep.gov/web/saeb/ana](http://portal.inep.gov/web/saeb/ana) >, Acesso em 21 de jul de 2022.

BUSATTO, Cléo. Contar com o coração. **Contos e encantos: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 45-51.

CAGLIARI, Luiz Carlos. “ **Alfabetização e Linguística**”. 10^oed., São Paulo, editora Scipione, 2004.

CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL, Francisca Izabel Pereira; MARTINS, Raquel Márcia Fontes; **Alfabetização e Letramento na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Ceale, 2009.

CAVALCANTE, M. C. B.; MELO, C. T. V. **Gêneros orais na escola**. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M.; CAVALCANTE, M. C. B. **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CAVALHEIRO LG, Santos MS, Martinez PC. **Influência da consciência fonológica na aquisição de leitura**. Rev. CEFAC, São Paulo, 2010

CEALE, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. “**Orientações para a Organização do Ciclo Inicial de Alfabetização**”. Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 2004.

Educação Básica. “**Diretrizes Curriculares** “. Brasília, MEC, 2013.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor** / Isabel Cristina Alves da Silva Frade. - Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 72 p. - (Coleção Alfabetização e Letramento) ISBN: 85-99372-12-2

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, editora Paz e Terra, 1996.

KLEIMAN, A. **Modelos de letramentos e as práticas de alfabetização na escola**. In. KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de letras, 1995, p.15-61.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática de escrita/** Ângela B. Kleiman (org.) – Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. Coleção Letramento, Educação e Sociedade.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. DIONÍSIO, A. P. **Fala e escrita**. 1ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MOLON, Susana Ines. **A questão da subjetividade e da constituição do sujeito nas reflexões de Vygotsky**. 1995. 187 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os Sentidos da Alfabetização**. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2021

MORAIS, Artur Gomes, **Consciência Fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização**. 1ª ed.;3.reimp. Autêntica. Belo Horizonte. 2022.

MORAIS, Artur Gomes, **Sistema de Escrita Alfabética**. 1ª ed. 8 impressão. Melhoramentos. São Paulo. 2021.

MOREIRA, Ana Irene de Almeida. **Os níveis de Consciência Fonológica**. Universidade Portucalense. (Trabalho Final de Curso), 2013

NASPOLINI, Ana Tereza. “**Tijolo por tijolo**”.1ª ed., São Paulo, editora FTD, 2009. Plano Nacional de educação (PNE), **LEI Nº13.005/2014**, Disponível em: pne.mec.gov.br. Acesso em 17 de set. de 2021.

PNAIC, 2013. Disponível em: mec.pacto.mec.gov.br Acesso em 29 de maio de 2023

PATRINI, Maria de Lourdes. A renovação do conto: Emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

Oralidade, Beth Marcusch, glossário do CEALE. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/oralidade>. Acesso em 02 de maio de 2022, à 1h11min.

Revista Brasileira de Alfabetização - ABAIf | ISSN: 2446-8584 Belo Horizonte, MG | v. 1 n. 10 (Edição Especial) | p. 39-43 | jul./dez. 2019

RIBEIRO, Volney da Silva. **Consciência fonológica e aprendizagem da leitura e escrita: uma análise dessa relação em crianças em fase inicial de alfabetização**. Volney da Silva Ribeiro. Entrepalavras, Fortaleza – ano, v.1, n.1, p.100 – 116 dez 2022

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico** [livro eletrônico]. 2ª ed. – São Paulo: Cortez, 2017.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Belo Horizonte, aletria, 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, Jan-Abr, número 025. Associação Nacional de pós- Graduação e Pesquisa em Educação. São Paulo: Brasil, 2004. Pp.5-17.

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização: As Muitas Facetas**. São Paulo: Brasil, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 7ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e escrever**. 1ª ed., 2ª reimpressão.- São Paulo: contexto, 2021.

SOARES, Magda. **Letramento e escolarização**. IN: RIBEIRO, Vera Masagão. Letramento no Brasil. 2.ed. São Paulo: Global, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

TFOUNI, L.V. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso**. Campinas: Pontes, 1988.

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

APÊNDICE - MATERIAL DIDÁTICO:

Caderno Pedagógico
PPGE - UFLA

A Tradição oral no processo
De alfabetização e letramento
Para a (educação infantil)
E anos iniciais

LEGENDA:**MÚSICA****BASE TEÓRICA****FICA A DICA...**

UNIDADE I: DIÁLOGO E ORIENTAÇÕES PARA OS EDUCADORES



FICA A DICA...

Caro(a) professor(a), o caderno traz ideias e sugestões que podem ser usadas ou adaptadas de acordo com a realidade da escola e dos alunos. As orientações não estão prontas, podem usar e variar conforme o planejamento diário exigir, pois, ensinar não deve ser rígido e inflexível, o professor tem autonomia de adequar de acordo com a realidade e a necessidade da turma.

A realização desse produto educacional, com unidades, está associada à alfabetização, à oralidade e ao letramento em um contexto de leitura e escrita. Busca atender a Educação Básica: 1º e 2º anos, podendo ser usado pelos educadores da educação infantil.

O campo de atuação, de acordo com a BNCC é: Campo artístico - literário, com os gêneros “cantigas de roda ” (na perspectiva das práticas sociais: da oralidade e do letramento).

O caderno pedagógico é um recurso organizado para auxiliar educadores no processo de ensino-aprendizagem com sugestões de atividades para ajudar a consolidar os caminhos da escrita alfabética, para que a alfabetização aconteça em um contexto de letramento e oralidade.

Um dos objetivos que norteou esta pesquisa foi elaborar uma proposta de material didático sobre a temática da alfabetização, cujo foco é o de conceber e desenvolver processos e produtos de inovação pedagógica. Nesse intuito, este caderno pedagógico apresenta-se em uma perspectiva teórica, conceitual, prática e metodológica, como um trabalho destinado para as habilidades de alfabetização em um contexto de práticas sociais como a oralidade e o letramento.

A proposta de construir este caderno pedagógico com sugestões de atividades que exploram a tradição oral, por meio das cantigas de roda, parlendas, poemas, adivinhações, trava-línguas e provérbios buscando contextualizar o processo de alfabetização com ênfase no lúdico, criativo e imagético, estimulando habilidades necessárias para o ensino-aprendizagem do sistema alfabético, tão fundamental na alfabetização.

Quantos conceitos (re)descobrimos, refletimos e (re)aprendemos! Dando sequência, precisamos pensar pelo sistema alfabético que precisa ser ensinado para que os alunos apresentem autonomia ao contextualizar o que foi aprendido.

Os sons do “b” e o “p”, indicam que eles são bilabiais, mas os sons são diferentes ao falar, como em “pato” e ao falar “bato”, vale a pena mostrar essas diferenças aos alunos.

A classificação das consoantes nos faz compreender os pontos de articulação, mas é preciso pensar que as consoantes só se tornam sílabas com as vogais. As vogais são mais fáceis de pronunciar, pois não apresentam pontos de articulações e nem os obstáculos para serem pronunciadas.



A pessoa que aprende a ler e a escrever – se torna alfabetizada – e passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se em práticas sociais de leitura e escrita – torna-se letrada. Aqui, apresentam-se os conceitos de alfabetização e letramento, e quando Magda Soares uniu esses dois conceitos, surgiu um neologismo: Alfalettrar, essa nova palavra que significa alfabetizar letrando.



Alfalettrar: compreender como a criança aprende a língua escrita, o sistema alfabético e seus usos, e com base nessa compreensão, estimular e acompanhar a aprendizagem com motivações, propostas, intervenções, sugestões, orientações, o que supõe um olhar reflexivo e propositivo sobre o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. (SOARES, 2021. p. 290)

A ação de alfalettrar é fundamental no processo de aprendizagem das crianças na educação infantil e nos anos iniciais. Assim, apresentaremos algumas tradições orais para iniciar o trabalho de aprendizagem do sistema de escrita no processo de alfabetização.



As tradições orais são importantes para a preservação de saberes e de culturas locais. Embora os livros sejam ótimos meios de contar histórias e de transmitir informações para as futuras gerações, eles não são os únicos com esse poder.

Na verdade, muitas histórias, contos, canções, provérbios muitas vezes não foram transmitidos por livros, mas oralmente, de geração em geração e existem devido a essa prática da oralidade. Sendo assim, a tradição oral preserva uma cultura, um saber popular, apenas com a oralidade, de uma geração para a outra. Além disso, esta tradição surgiu no início da vida humana na Terra, quando ainda não havia escrita ou outra forma de registrar histórias.

O ser humano se insere numa realidade de tradição oral, antes mesmo de escrever, o homem desenvolveu a capacidade de se comunicar oralmente, por isso a oralidade é uma prática social de grande impacto na alfabetização, contribuindo para a aprendizagem do sistema de escrita em um contexto de letramento.

Os textos da tradição oral, por sua natureza lúdica, apresentam vínculos prazerosos com a leitura e com a escrita. Sendo assim, é notável a importância dos textos orais no contexto escolar como elemento integrador e motivador no processo de alfabetização, contribuindo para um processo de ensino-aprendizagem lembrando que a percepção visual deve ser contínua e processual, tornando primordial para o desenvolvimento das habilidades de escrita do sujeito.



A oralidade, enquanto uma prática social, está presente tanto nas produções orais, quanto no ato de escutar. Assim como a oralidade não está fechada na fala, mas voltadas para as práticas sociais que envolvem especificidades da linguagem, as produções verbais e não verbais podem influenciar a interação do interlocutor na alfabetização, pois a oralidade em contextos socioculturais traz a fala interagindo com múltiplas linguagens associando-as ao ritmo, à entonação, ao volume, aos gestos dentre outros, podendo influenciar nos discursos dos interlocutores.



Os textos da tradição oral são passados de geração em geração. Pode-se observar que as tradições orais estão impregnadas na infância de muitos adultos e de muitas crianças atualmente. Por isso, faz-se necessário o resgate desse rico legado passado dos mais velhos para os mais novos.

E, assim, como a escrita percorreu um longo caminho de adaptações e modificações, o processo de alfabetização exige conhecimento do sistema de escrita alinhando ao contexto de letramento e oralidade, ressaltando que se faz necessário estimular, primeiramente, a consciência fonológica por meio das tradições orais para que o ensino-aprendizagem aconteça de forma significativa.

Nota-se a necessidade de trabalhar a oralidade e o alfalettrar sem dissociá-los e sempre levando em consideração as particularidades de cada um, pois a língua falada envolve gestos, entonação, expressão facial etc. e a língua escrita requer um ensinamento minucioso para que o aluno possa compreender e vencer as dificuldades que aparecem.

De acordo com Simões (2006, p.16):

A língua falada conta com a assessoria de recursos como gesto, o tom, expressão facial e o timbre de voz etc., os quais não são transportáveis para o escrito. A língua escrita, por sua vez, apresenta figura não conversíveis em som (letras “mudas”, pontuação, diacríticos etc.); espaços em branco sem correspondência no texto oral, visto que a emissão oral é contínua, além de outras particularidades. Por isso a apropriação da leitura e da escrita, pela criança é um processo de alto grau de complexidade e requer do professor competência técnico-pedagógica específica, para que as dificuldades possam ser minimizadas.

Dando sequência às unidades, como sugestão, para a consolidação do aprendizado, vamos pensar no sistema de escrita alfabética como um novo aprendizado e conhecimento e para que a criança possa compreender o que está aprendendo, tenhamos um diálogo e façamos uma reflexão, com a citação de Cagliari, (2009, p.84):

Diante de tudo isso, vale a pena dar atenção à criança, “é preciso dialogar, ouvir das crianças o que é escrever, para que serve a escrita, valorizando a opinião que cada um possa apresentar”.

Faz-se necessário explorar as sílabas com letras móveis e outros recursos que podem contribuir com a compreensão do processo de leitura e escrita.

Para dar maior expressividade ao texto, usa-se como recurso a aliteração, pois a figura busca sugerir sons, uma vez que os recursos linguísticos são manipulados para imprimir uma maior expressividade ao texto, por isso relacionam-se a diversos aspectos da língua: morfológico, sintático, semântico e fonológico.

Existe diferença entre aliteração/trava língua e rima? Sim.

Na aliteração acontece a semelhança sonora no começo das palavras. Já a rima acontece a semelhança sonora no final da palavra. Essas características são importantes no poema e na música, dando sonoridade e criando uma beleza para o poema. Por isso, a consciência intrassilábica é a capacidade de analisar que as palavras podem iniciar ou finalizar com os mesmos sons, sendo que os sons finais caracterizam as rimas e os iniciais as aliterações, são unidades menores que uma sílaba.

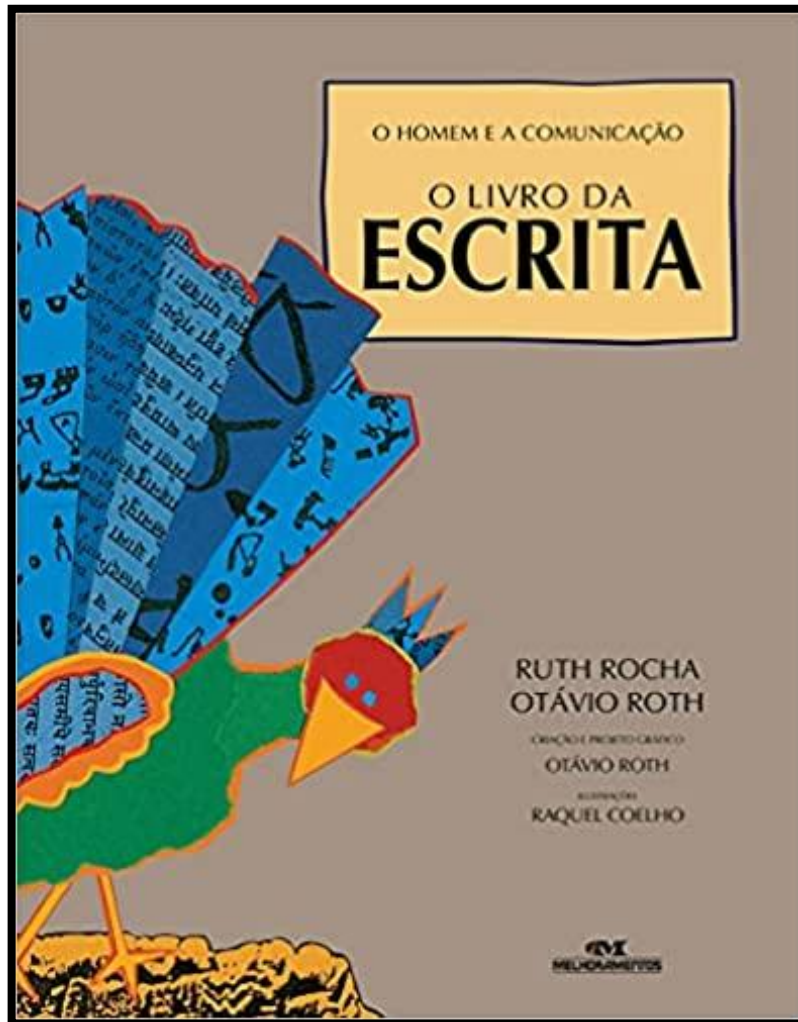
Outros textos para explorar as rimas e trabalhar os fonemas, deixando que atividades criativas possam avançar além dos textos sugeridos: pondo explorar os animais, partes do corpo, moradia, sequência, pescaria de peixes e letras, adivinhações, imaginação, jogos, brincadeiras, escrita espontânea, releituras dos textos e aonde mais a sua ousadia de pensar levar você educador e, sua turma.

UNIDADE II: HISTÓRIA DA ESCRITA



FICA A DICA...

Sabe-se que “o texto é o eixo central da alfabetização” e que a escrita precisa ser ensinada, por isso vamos explorar um livro de Ruth Rocha que nos traz informações importantes sobre a escrita. Pode-se acessar a história completa: “o livro da escrita.”⁶



(EI02EF03) Demonstrar interesse e atenção ao ouvir a leitura de histórias e outros textos, diferenciando escrita de ilustrações e acompanhando, com orientação do adulto-leitor, a direção da leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita).

⁶ ROCHA, Ruth. ROTH, Otávio. **O Livro da Escrita**. Disponível em: https://youtu.be/Zog7Up_7pzQ

“Você sabia que há quarenta mil anos, o homem não só existia, como pensava e tinha até qualidade de artista, pois ele pintava na parede das cavernas touros e bisões, renas



Ah! “Essas pinturas, no início, eram feitas no fundo das cavernas, e não na entrada, onde o homens viam. Mais tarde começaram a aparecer desenhos que comunicavam alguma coisa. Era uma tentativa de escrita, embora fosse muito simples. Era uma escrita pictográfica.” (ROCHA, 2014, p. 7)



... “ Com o tempo, a escrita foi mudando. As pessoas precisavam escrever coisas mais complicadas. Quando desenhavam um boi, nem sempre queriam representar um boi. Podiam estar representando uma boiada ou simplesmente a carne. Esse tipo de escrita já permitiam contar uma pequena história ou mandar uma mensagem simples. Essa era a escrita ideográfica. (ROCHA, 2014, p. 8)

“As pessoas passaram a escrever cada vez mais. Foram combinando entre si como desenhar cada símbolo, de maneira que o que uns escreviam fosse compreendido por todos.”



“Os Babilônios tiveram a primeira escrita bem codificada. Como era difícil fazer curvas no barro, passaram a fazer ‘marcas’ calcadas na argila com um estilete de ponta triangular. Cada conjunto de arca significava uma palavra. Essa escrita foi chamada de cuneiforme.” (ROCHA, 2014, p. 12)



“ Os egípcios, criaram uma escrita que podia ser gravada na pedra. Escrever na pedra é trabalhoso. Mas os documentos inscritos na pedra duram para sempre, e era importante a cultura egípcia dar muita importância à durabilidade de tudo. Cada figura da escrita egípcia representava uma palavra. Essas figuras são os hieróglifos.(ROCHA, 2014, p. 14)

A escrita fonética permite que se reproduzam todos os sons de todas as línguas com poucos sinais. Os fenícios adaptaram o alfabeto fonético egípcio à língua fenícia e criaram o alfabeto de 24 letras. (ROCHA, 2014, p. 18)



Os fenícios eram comerciantes e navegadores, espalharam o alfabeto fonético todo o mundo.

(ROCHA, 2014, p. 21)



Os gregos criaram uma porção de formas de escrever, pois havia muitos estados gregos e muitas formas diferentes de falar. Todos sabem como os gregos se preocupam com a beleza. Assim, eles foram modelando as letras, para torná-las mais harmoniosas. Estabeleceram as regras de escrever da esquerda para a direita, ao contrário das outras línguas semíticas. E introduziram o uso das vogais. (ROCHA, 2014, p. 25)

Os romanos herdaram o alfabeto grego. Introduziram novas letras e eliminaram as que não serviam para a sua língua. (ROCHA, 2014, p. 26)



Hoje, todas as sociedades civilizadas possuem uma escrita. O mundo moderno precisa da escrita até para as coisas mais simples: a compreensão de placas, as instruções para o manejo de máquinas, as bulas de remédios. Precisa da escrita para desenvolver teorias que levam ao desenvolvimento tecnológico, para a explanação de sistemas filosóficos, para a discussão dos religiosos. E a escrita, que foi na antiguidade privilégio de sacerdotes e nobres, é hoje necessidade e direito de todos. (ROCHA, 2014, p. 29)

A obra de Ruth Rocha agrega muito conhecimento com informações relevantes sobre a história da escrita, um assunto muito importante para compor esse caderno pedagógico e contribuir para um trabalho eficiente, informativo e interativo entre o docente e o discente.

Vale também imitar esses povos e fazer pinturas com tinta de terra, fazer esculturas de argila, desenhar em pedras e selecionar, classificar as artes, explicar oralmente e por escrito o motivo da exposição e, assim, outras turmas conhecerão a história da escrita.



FICA A DICA...

Exemplos sugestivos para adaptar a turma: pode-se realizar as atividades, montar os cantinhos dando nome às criações, inventando histórias coletivas e individuais.

Figuras 1 – Cantinho da das criações



Fonte: *Print screen*: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/11962755237223312/>. Acesso em: 09 jun. 2023.

(EI03ET04) Registrar observações, manipulações e medidas, usando múltiplas linguagens (desenho, registro por números ou escrita espontânea), em diferentes suportes.

(EI02TS02) Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais.

E, assim, como a escrita percorreu um longo caminho de adaptações e modificações, o processo de alfabetização exige conhecimento do sistema de escrita alinhando ao contexto de letramento e oralidade, ressaltando que se faz necessário estimular, primeiramente, a consciência fonológica por meio das tradições orais para que o ensino-aprendizagem aconteça de forma significativa.

A leitura e sugestões dessa unidade é para o educador organizar como promover momentos de ensino-aprendizagens do processo de apropriação do sistema de escrita. Sendo assim, um trabalho conjunto de consciência dos sons e estímulo da habilidade de motricidade fina auxilia na compreensão e aprendizado do sistema de escrita alfabética.

As crianças vão progressivamente tomando consciência de que: a fala se constitui de cadeias sonoras; a língua escrita e a visualização dessas cadeias

sonoras; essas cadeias sonoras podem ser segmentadas em palavras e estas em sílabas; as sílabas constituem de pequenos sons (os fonemas); esses pequenos sons (os fonemas) são representados por letras. (SOARES, 2021, p. 113)

A consciência fonêmica denomina a habilidade de identificar os sons individuais, ou seja, o falante é capaz de identificar que há diferença entre os fonemas das palavras como por exemplo: Vaca e faca, a diferença está no som, no fonema inicial. Vale ressaltar que Soares (2021,p113), esclarece alguns conceitos, “Grafo-se refere a grafema, o mesmo que letra. Os termos da consciência grafofonêmica remetem ambos às correspondências entre grafemas/letras e fonemas, são interdependentes e ocorrem simultaneamente”. Todo o processo requer tempo e orientação para que a aprendizagem seja consolidada, perpassando pelas etapas do alfalettrar.

Segundo Magda Soares (2021,p.113):

Há propostas de ensino inicial da escrita alfabética nas quais o que tomamos aqui como ponto de chegada é considerado ponto de partida: a alfabetização começaria pelo ensino direto da associação de letras a seus sons, o que leva a aprendizagem de um código que precisa ser memorizado, e não à aprendizagem de um sistema de representação, que vai sendo compreendido por meio de etapas que partem d compreensão da palavra como cadeia sonora e vão conduzindo a criança até a letra como representação dos menores sons dessa cadeia.

Pois, segundo Simões (2006,p.27), sílaba é:

Sílaba é o conjunto de fonemas emitidos a cada corrente de ar expirada. Para ilustrar, o vocábulo *ja ne la* tem três sílabas, pois precisamos de três expirações para produzi-lo. Por isso é que os professores costumam induzir a contagem de sílabas perguntando: *Quantas vezes se abre a boca para dizer ja ne la?* Cada vez que se abre a boca, libera-se uma corrente expiratória, que produz uma sílaba. Então, será tantas sílabas quantas vezes ocorrer o fenômeno descrito acima. (SIMÕES, 2006, p.27)

UNIDADE III: Consciência Fonológica.

Com os textos da tradição oral, o ensino-aprendizagem se torna mais prazeroso e as habilidades linguísticas como: descrever coisas, compartilhar situações, contar histórias, cantar, questionar e compartilhar ideias devem anteceder a alfabetização. Por isso se faz necessário o trabalho da consciência fonológica.



O termo consciência fonológica é definido como sendo a consciência de que as palavras são constituídas por diversos sons ou grupos de sons e que elas podem ser segmentadas em unidades menores, como palavras, sílabas, aliteração e fonemas.



FICA A DICA...

Com os textos da tradição oral, o ensino-aprendizagem se torna mais prazeroso e as habilidades linguísticas como: descrever coisas, compartilhar situações, contar histórias, cantar, questionar e compartilhar ideias devem anteceder a alfabetização. Por isso se faz necessário o trabalho da consciência fonológica.

Vale lembrar que Soares (2021, p. 33) conceitua o texto como “ eixo central da alfabetização e do letramento”. Partindo das sugestões de Magda Soares, do livro Alfaetrar (2021), com uma sequência dinâmica para o educador usar para que o aprendiz possa avançar nas etapas da escrita. Os professores podem trabalhar com parlendas, cantigas, poesias etc.

Pode-se realizar as etapas com vários textos da tradição oral:



Sugestão: Pode-se ouvir e cantar a cantiga pelo QR code e usar o recurso para apresentar e ilustrar o momento.

(EI02ET07) Contar oralmente objetos, pessoas, livros etc., em contextos diversos.



Sugestões de práticas pedagógicas

Os objetivos da sequência didática nortearão as atividades diárias:

1. Conhecer o gênero textual. Exemplo: parlenda cantada;
2. Relembrar o gênero textual. Exemplos: parlendas conhecidas;
3. Memorizar e recitar O gênero textual. Exemplo: a nova parlenda;
4. Interpretar o gênero textual: Exemplo: a parlenda;
5. Identificar rimas no gênero textual explorado. Exemplo: das parlendas;

6. Comparar rimas na fala e na escrita dos gêneros textuais;



FICA A DICA...

Cinco etapas para trabalhar o gênero textual e os dias sugeridos.

- Segunda-feira: 1ª- Conversar com as crianças: quem sabe o gênero textual: parlenda, poesia, cantiga de roda dentre outros da tradição oral;
- Vocês já aprenderam quais textos da tradição oral? Selecionar o gênero explorado;
- Qual vocês querem recitar? (escolhe uma ou duas das sugeridas);
- 2ª- Anunciar que vão conhecer uma parlenda, cantiga, poesia, etc., pedir que ouçam com atenção. (recitar). Repetir o texto escolhido pedindo que acompanhem em coro. Repetir algumas vezes até perceber que as crianças memorizaram;
- Terça-feira: 3ª- Perguntas de compreensão sobre o gênero textual escolhido;
- Quarta-feira e quinta-feira: 4ª- Repetir o texto, pedindo que prestem atenção nas palavras que acabam igual (ênfasis na leitura a rima);
- Perguntar: quais palavras acabam iguais;
- Falar quantas vezes for necessário até que as crianças identifiquem as rimas;
- Sugerir que pensem em outras palavras que terminem com as rimas encontradas;
- Sexta-feira: 5ª- Escrever o texto escolhido em um cartaz ou em uma lousa – usar cor diferente para a rima – levando as crianças a acompanhar a sua escrita (professor é o escriba).

Ler o texto apontando cada palavra, chamando a atenção para o espaço em branco entre elas e a mudança de linha após cada verso.

Nesta última etapa, percebe-se o objetivo de comparar rimas na fala e na escrita, levando a criança a observar que o som das rimas são representados por letras, que a escrita representa a fala e que segmentos de sons iguais se escrevem com as mesmas letras, encaminhando a criança para a escrita silábica com valor sonoro, que será abordado a seguir.

É importante chamar a atenção para a escrita igual das rimas: partes das palavras que são iguais na fala são iguais também na escrita, as letras são as mesmas.

Nesta última etapa, percebe-se o objetivo de comparar rimas na fala e na escrita, levando a criança a observar que o som das rimas são representados por letras, que a escrita

representa a fala e que segmentos de sons iguais se escrevem com as mesmas letras, encaminhando a criança para a escrita silábica com valor sonoro, que será abordado a seguir.

Essa sequência didática pode ser usada e explorada com outros textos da tradição oral e está amparada pela BNCC.

(EI03ET04) Registrar observações, manipulações e medidas, usando múltiplas linguagens (desenho, registro por números ou escrita espontânea), em diferentes suportes.

(EI03EF06) Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa.

(EI03EF09) Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea.

Nota-se a necessidade de trabalhar a oralidade e o alfalettrar sem dissociá-los e sempre levando em consideração as particularidades de cada um, pois a língua falada envolve gestos, entonação, expressão facial etc. e a língua escrita requer um ensinamento minucioso para que o aluno possa compreender e vencer as dificuldades que aparecerem.



FICA A DICA...

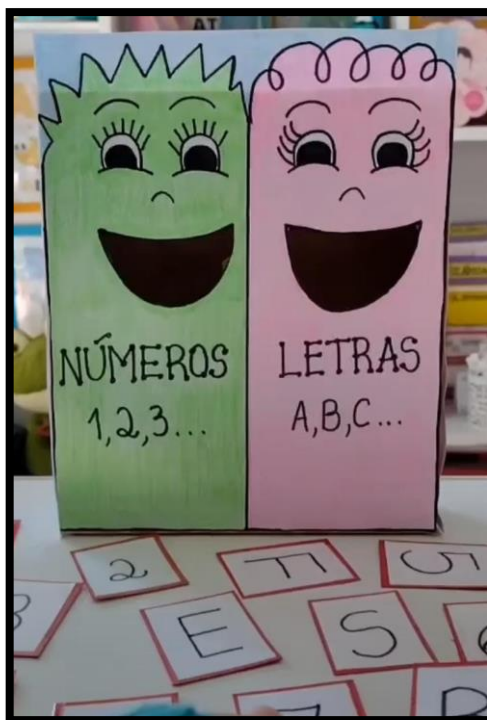
Depois de explorar alguma cantiga da oralidade com números, como por exemplo: “1,2 feijão com arroz, 3,4 feijões no prato,” etc.



MÚSICA

Pode-se misturar as letras e os números para que as crianças possam expor o que sabem sobre as peças misturadas. Depois de ouvir as observações das crianças, deve-se classificar separando-as de um lado as letras e, do outro, os numerais. Essa distinção faz-se necessária no processo alfalettrar.

Figura 2 – Mistura de letras e números



Fonte: *Print Screen*: Disponível em: <https://br.freepik.com/fotos-popular>. Acesso em: 09 jun. 2023

(EI03ET04) Registrar observações, manipulações e medidas, usando múltiplas linguagens (desenho, registro por números ou escrita espontânea), em diferentes suportes.

(EI02TS02) Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais.

(EI02ET05) Classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma, numerais, letras etc.).



FICA A DICA...

A consciência fonológica é a capacidade de perceber os sons da fala. Ao aprender a ler e escrever, a criança precisa adquirir consciência de alguns processos fonológicos da nossa língua, sendo assim, aprende a identificar os sons e, posteriormente, agregarão mais percepções como identificar os sons das sílabas para formar palavras em um contexto das

tradições orais. E essas palavras, poderão ter valor sonoro ou não, no início, usam-se as vogais núcleo. Uma maneira de explorar os sons das vogais é trabalhar com o nome das crianças de diversas formas:

Figura 3 – Trabalho com o nome das crianças



Fonte: *Print Screen*: Disponível em: <https://casaefesta.com/decoracao-de-sala-de-aula/>. Acesso em: 09 jun. 2023



FICA A DICA...

O nome de cada criança é de grande valor para a identificação e explorá-los tornou-se uma maneira de ensinar despertando o interesse em escrever o próprio nome. Sendo assim, pode ser confeccionado um crachá com o nome próprio e fazer o esquema corporal (autodesenho) ao lado do nome. Identificar a letra inicial e procurá-la nas letras do alfabeto móvel. Explicar e classificá-las em um grupo de vogais e um grupo de consoantes em seguida fixar na sala o cartaz com a classificação feita pelos alunos.

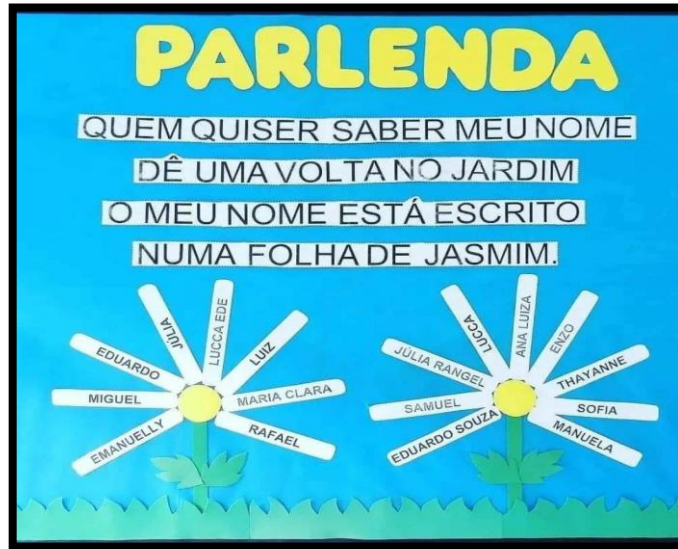
Figura 4 – Grupo de vogais e consoantes



Fonte: *Print Screen*: Disponível em: <https://br.freepik.com/fotos-popular..> Acesso em: 09 jun. 2023

(EI01EF07) Conhecer e manipular materiais impressos e audiovisuais em diferentes portadores (livro, revista, gibi, jornal, cartaz, impressões, CD, tablet etc.).

Figura 5 - Parlenda



Fonte: *Print Screen*: Disponível em: <https://br.pinterest.com/etnamoraes/parlendas-2/>. Acesso em: 09 jun. 2023



FICA A DICA...

Identificar nos nomes da turma e quais são os sons das vogais encontrados. Pesquisar em revistas e jornais as vogais, colar no caderno e fazer um desenho correspondente ao som que inicia com tal vogal. Em outro momento, cantar e escrever a cantiga do Alecrim (os educadores são os escribas). Explorar os sons das vogais e circulá-los dando oportunidade para todos os alunos.

QRcode: ALECRIM



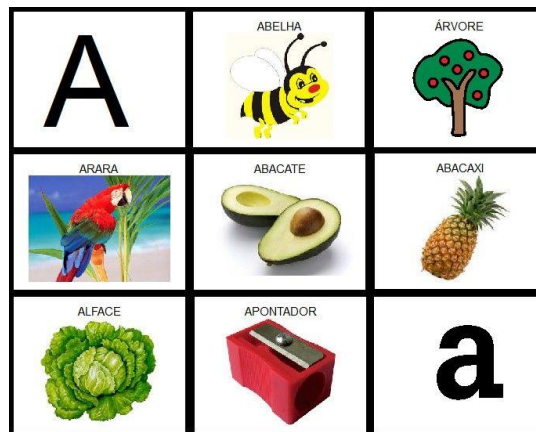
Como existem muitas maneiras de explorar a consciência fonológica e uma delas é relacionar os nomes das gravuras ao som inicial.



FICA A DICA...

Após explorar na música do Alecrim os sons das vogais, vamos chamar a atenção ao som da letra “A” e pronunciar os nomes dos desenhos abaixo:

Figura 6 – Sons da letra “A”



Fonte: *Print Screen*: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/359443614015469373/>. Acesso em: 09 Jun 2023

Aproveitando as imagens, pode-se identificar o número de vezes que articulamos a boca para falar os nomes das gravuras. Representa-se, assim, cada pedaço com uma semente.

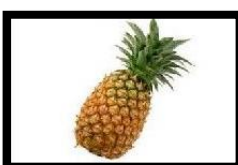
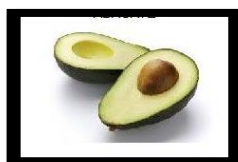
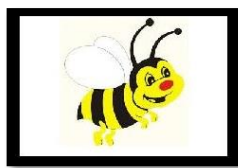
Ensinar aos alunos sobre sílabas batendo palmas, sendo que cada “batida” que a criança ouve corresponde a uma sílaba da palavra.



FICA A DICA...

Aproveitando os desenhos, pode-se pedir para as crianças escreverem espontaneamente os sons que identificam ao pronunciar o nome do desenho:

Figura 7 – Desenhos para as crianças pronunciarem os nomes



Fonte: *Print Screen*: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/359443614015469373/>. Acesso em: 09 Jun 2023

Esse tipo de atividade pode ser usada para trabalhar o som das vogais e, posteriormente os sons das consoantes.

(EI03EF09) Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea.

UNIDADE IV- APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA

Ensinar o traçado da escrita alfabética para que as crianças aprendam como escrever da maneira correta é um processo necessário para o ensino-aprendizagem da escrita e da leitura e requer tempo para que consolide as particularidades dessa etapa.



FICA A DICA...

Nota-se que o sistema da escrita alfabética será trabalhado, mas não de uma forma de memorização do código, mas por meio do letramento e da oralidade explorando as tradições orais em um contexto de cantigas, poemas, trava-língua, provérbios, adivinhações e parlendas.

Figura 8 – Cantiga de roda



Fonte: *Print Screen*: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/227291112436560712/> .
Acesso em: 09 Jun 2023



FICA A DICA...

Orientações para explorar e ensinar cada letra do sistema alfabético, em alguns exemplos deste caderno Pedagógico, aparecerá com a vogal “A” ou aparecerá letras (vogais e consoantes), mas a atividade é indicada para trabalhar o reconhecimento e identificação de todos os fonemas até a escrita (traçado):

Conhecendo as letras do sistema alfabético (as vogais e as consoantes):

- Articular o som da letra explorada (primeiro as vogais depois as consoantes);
- Usar um espelho para observar a articulação: vale lembrar que cada letra traz a sua articulação, que pode ser feita pelos educadores e, posteriormente, pelos alunos. Pode-se assim, usar um espelho (pequeno e de mão) para ver o movimento da boca e observar o som: e classificá-lo.
- Traçar a letra estudada no momento escrita no chão bem grande e andar sobre ela ou passar um brinquedo, contornando-a. Por isso, ao trabalhar a escrita de cada letra, poderá explorá-la por exemplo: No chão com a escrita bem grande para andarem por cima e estimular os músculos do corpo com a psicomotricidade envolvendo a coordenação grossa, orientação espacial, discriminação visual, motricidade fina, habilidades necessárias para fortalecer a estrutura corporal, preparando para a escrita.

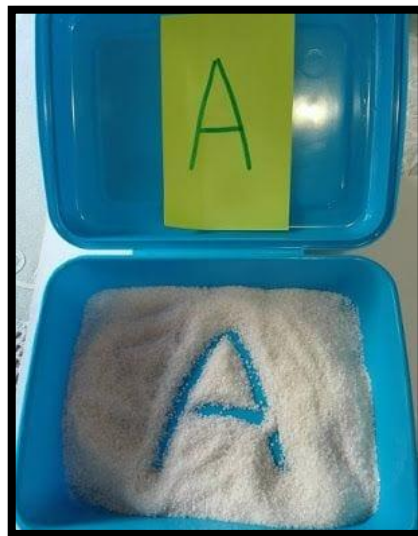
Figura 9 – Letra traçada no chão



Fonte: Disponível em: <https://www.colegiologosofico.com.br/noticias/65882/infantil-4-explora-o-tracado-da-letra-a-e-de-algumas-figuras-geometricas>. Acesso em: 20 maio 2022.

- Traçar na areia a letra explorada. Tal atividade trabalha a habilidade de praxia fina fortalecendo o arco palmar e preparando as mãos para a escrita.

Figura 10 – Traçar na areia a letra estudada



Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/829929037560450005/>. Acesso em: 20 maio 2022.

- Construir a letra de massinha e/ou brinquedos de encaixe;
- Montar a letra com palitos de picolé ou papel rasgado, fazendo o traçado correto.

(EI02CG05) Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros.

traçado correto, trabalhando a motricidade fina e fortalecendo o arco palmar que são os músculos da palma da mão, uma vez fortalecidos, ajudará na escrita firme e legível da aprendizagem da letra. Pode-se agregar ao texto da tradição oral

para trabalhar cada letra um brinquedo ou uma fruta com a letra aprendida e explorada (Pode nascer um projeto de curiosidades e descobertas);

- Treinar a letra aprendida no chão com giz de quadro ou carvão;
- Cantar a cantiga explorada, gesticulando.



MÚSICA

(EI02CG02) Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc., ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas.

(EI02CG03) Explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações.

Exemplo: Boi, boi, boi da cara preta.



FICA A DICA...

Figura 11 – Boi da cara preta



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Oh0Rlj7WWSw>. Acesso em 20 maio 2022.



MÚSICA

- Dialogar sobre o que as crianças entenderam sobre a cantiga e abordar o tema que a cantiga traz.
- Explorar o habitat dos animais ou pessoas que aparecem na canção.
- Identificar, no texto, onde está na música, o fonema aprendido e circulá-la (ou pintá-la).
- Confeccionar um boi de papel higiênico: listar os materiais usados.
- Brincar de fazendinha.
- E criar uma história coletiva, onde o professor(a) será o escriba.
- Criar uma lista com os nomes dos bois, sugeridos pelas crianças.
- O educador é o escriba: registrar em um papel pardo a cantiga, os nomes dos bois e a história coletiva para deixá-la fixada na sala.
- Apresentar a fonte ou o autor da cantiga.
- Por fim, traçar e treinar a letra no chão com giz de quadro e, posteriormente, fazê-la em uma folha branca ou no caderno. Nota-se que depois de trabalhar a consciência fonológica, as rimas e aliterações, consciência de sílaba, consciência fonêmica que se trabalha o sistema de escrita alfabética.



FICA A DICA...

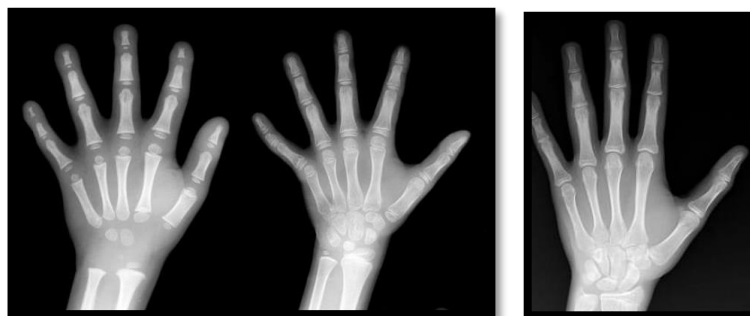
Vale pensar no desenvolvimento motor da criança, levando em consideração o desenvolvimento das mãos das crianças, ou seja, da motricidade fina, pois tanto os músculos quanto os ossos, estão em crescimento. Observem os Raios X de idades diferentes abaixo:

Figuras 12 – Desenvolvimento motor

1º) 3 anos

2º) 6 anos

3º) 14 ano



Fonte: Disponível em: <https://cresceu.org/tag/idade-ossea/Acesso> em 09 de jun. de 2023



FICA A DICA...

- Vale observar que as crianças passam por fases ao segurar o lápis, e cabe ao educador orientar. Segue uma foto de apreensão do lápis:

Figura 13 – Apreensão do lápis



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/ceespims/photos/a.2801109956570130/3894342767246838/?type=3>. Acesso em: 09 de jun. de 2023



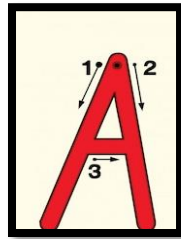
FICA A DICA...

- Podendo ter perto do nome o desenho e/ou a foto de cada um e trabalhar com os nomes encontrados nos textos da tradição oral, podemos explorar a letra do sistema de escrita com os nomes dos alunos da sala. O trabalho com o nome reforça a identidade e a importância de cada criança da sala.
- Valorizando o nome de cada criança, a sua identidade pode-se explorar e as consoantes e as vogais, que quando estão perto, formam uma sílaba:
- Exemplo: **L**AURA, EXEMPLO DE CONSOANTE MAIS VOGAL = CV
 - L+A= LA
 - L+E= LE

- L+I= LI
- L+O=LO
- L+U=LU

Exemplo de uma letra com o traçado. Esse exemplo deve ser usado com as outras letras para que ao aprender, faça o traçado certo.

Figura 14 – Letra com traçado



Fonte: Disponível em: https://br.freepik.com/vetores-premium/planilhas-de-alfabeto-de-tracado-da-letra-a_4613650.htm. Acesso em: 20 maio 2022



FICA A DICA...

Depois de apresentar e consolidar a aprendizagem do sistema de escrita alfabética, vale explorar os fonemas e a escrita e montar um alfabeto com as crianças, usando caixas pintadas e letras grandes para observar e classificar alguns objetos e brinquedos nas caixas correspondentes.

Figura 15 – Letras em caixas



Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/175992297917509262/> . Acesso em 09 de jun. de 2023

(EI02EF07) Manusear diferentes portadores textuais, demonstrando reconhecer seus usos sociais.

(EI02EF08) Manipular textos e participar de situações de escuta para ampliar seu contato com diferentes gêneros textuais (parlendas, histórias de aventura, tirinhas, cartazes de sala, cardápios, notícias etc.).

(EI02EF09) Manusear diferentes instrumentos e suportes de escrita para desenhar, traçar letras e outros sinais gráficos.

UNIDADE V- CONSCIÊNCIA DAS RIMAS E ALITERAÇÃO

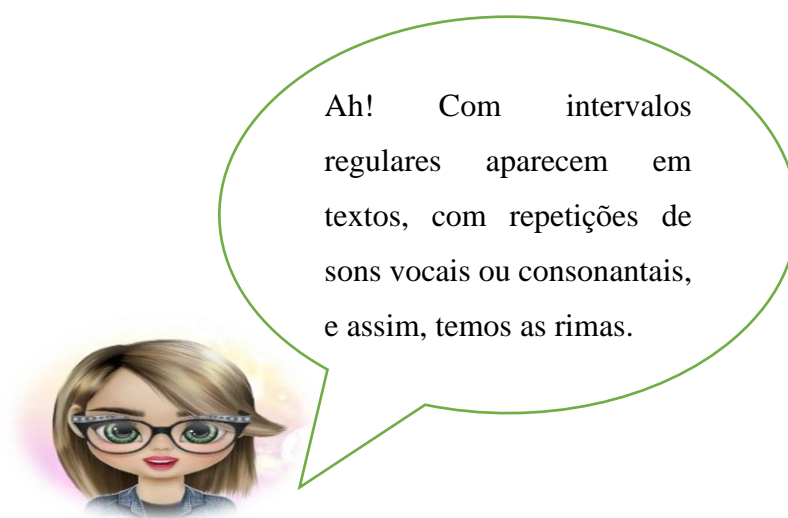


Figura 9

Sugestões para explorar os textos da tradição oral: O texto tem rimas. Vamos cantar e identificá-las.



MÚSICA



FICA A DICA...

Figura 16 – Canção “O pato”



Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/635289091207993503/>. Acesso em 09 de Jun de 2023

Professor, em sala de aula, você pode escolher textos que apresentam rimas ou repitam o mesmo som. Pedir as crianças para escolherem as palavras que rimam nos textos. Pode, ainda, brincar de rimar com os nomes das crianças. Agora, brinque de rimar com os nomes das crianças.

Para isso, escreva os nomes dos alunos no quadro e leia-os para a turma para que eles pensem em como rimar. Exemplo: **Ana** rima com **banana**. Cada criança pode escrever a sua rima e ilustrar.

(EI03EF02) Inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos.

Outra possibilidade é a construção de trabalhar com a consciência de rimas por meio de objetos ou brinquedos (leve para a sala bichos de brinquedos). Peça às crianças para observarem os desenhos e ao pronunciarem os nomes, observar como criar rimas para eles.

Figura 17 – Desenhos para pronunciar



7

Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/587860557623861774/>. Acesso em 09 de Jun de 2023

(EI02EF09) Manusear diferentes instrumentos e suportes de escrita para desenhar, traçar letras e outros sinais gráficos.

(EI01EF09) Conhecer e manipular diferentes instrumentos e suportes de escrita.

(EI01EF08) Participar de situações de escuta de textos em diferentes gêneros textuais.

(EI03EF07) Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura.



FICA A DICA...

As cantigas são lúdicas, apresentam melodias, rimas e um contexto interessante que ajudam na compreensão e memorização, desenvolvendo o vocabulário e a consciência fonológica. As músicas, as cantigas favorecem o desenvolvimento de habilidades como: cantar, melhorar a dicção, o ritmo, a entonação, a memória visual e auditiva, descrever situações, compartilhar ideias enfim, aprendizagens significativas.

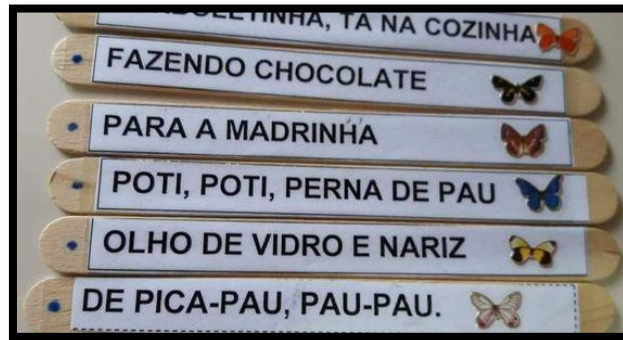


MÚSICA

BORBOLETINHA



Figura 18 - Borboletinha



Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/185069865924718987/> Acesso em 09 de jun. de 2023

Figura 19 - Borboletão



Fonte: Disponível em: <https://renatafono.com/rima-com-musica-borboletinha/rima-com-musica>

(EI01EF05) Imitar as variações de entonação e gestos realizados pelos adultos, ao ler histórias e ao cantar.

Professor, como você observou, há diversos recursos para o trabalho com vistas a desenvolver a consciência da rima. E agora, como desafio, registre como você explora o trabalho com as rimas.

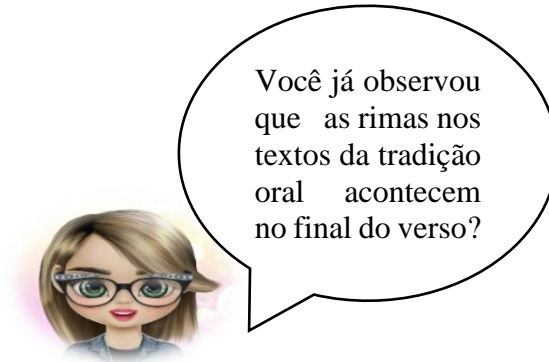


Figura 9

A caixa das cantigas é um recurso que vai encantar os alunos e estimulará a oralidade, a memória recente visual e auditiva, entonação, ritmo e aumentará o vocabulário, pois de acordo com Magda Soares (2021, p.33) o texto é o eixo central do processo de alfabetização e do letramento. Sendo assim, a caixa musical enquanto um recurso dinâmico e enriquecedor no dia a dia das práticas pedagógicas é perceptível o quanto as crianças gostam e demonstram ter uma vasta bagagem de cantigas. Dentro da caixa das cantigas, conforme imagem sugerida, terá um desenho com uma dica da palavra chave da cantiga. Sendo assim, cada criança resgatará na memória tais canções.

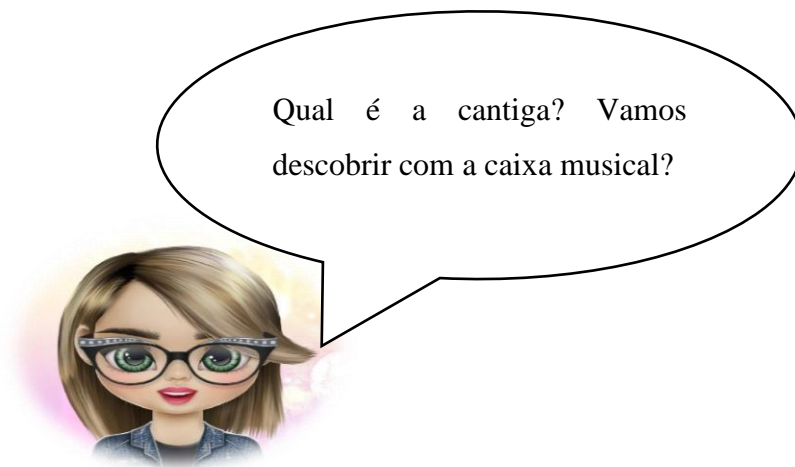


Figura 20 – Caixa Musical



Fonte: Disponível em:
https://www.google.com/search?q=caixa+m+usical&tbm=isch&ved=2ahUKEwiinf_u0Lf_AhX0IJUCHasVAc8Q2- Acesso em 09 de jun. de 2023



MÚSICA

(EI01EF08) Participar de situações de escuta de textos em diferentes gêneros textuais (poemas, cantigas, parlendas, fábulas, contos, receitas, quadrinhos, anúncios etc.).

Professor, seguem alguns exemplos de cantigas que poderão ser utilizadas para este trabalho, ou seja, para consciência fonológica, aliteração, consciência das sílabas, consciência fonêmica e a aprendizagem e compreensão do sistema alfabético.



FICA A DICA...

Pode-se explorar as palavras chaves das tradições orais para interagir com os conteúdos do dia a dia, podendo criar um painel das tradições orais, confeccionar sucatas com recursos não estruturados, manusear e realizar dobraduras dos animais e objetos, brincar com as cantigas

ou parlendas, criar novas rimas, enfim, explorar ao máximo as tradições orais com a proposta de trabalhar com as práticas sociais do letramento e da oralidade e por fim unir à alfabetização.



MÚSICA

1. BOI, BOI, BOI DA CARA PRETA



2. A BARATA DIZ QUE TEM



3. SE ESSA RUA FOSSE MINHA



4. HOJE É DOMINGO



5. SAPO JURURU



6. O MEU GALINHO



7. POMBINHA BRANCA



8. FUI NO TORORÓ



9. CAI, CAI BALÃO



10. TERESINHA DE JESUS



11. PAI FRANCISCO



12. A CANOA VIROU



13. MARCHA SOLDADO



14. O CRAVO BRIGOU COM A ROSA



15. CADÊ O PEDAÇO DE TOUCINHO QUE ESTAVA AQUI?



16. BORBOLETINHA



17. 1, 2 FEIJÃO COM ARROZ



18. ALECRIM



19. ATIREI O PAU NO GATO



20. PEIXE VIVO



21. ESCRAVOS DE JÓ



22. PIRULITO QUE BATE- BATE



23. FUI MORAR NUMA CASINHA



24. INDIOZINHOS



25. O SAPO NÃO LAVA O PÉ



26. A LINDA ROSA JUVENIL



27. ERA UMA CASA ENGRAÇADA





Aliteração é uma palavra que vem do latim *littera*, que significa *letra*. A aliteração é uma figura de linguagem que consiste na repetição de fonemas consonantais ou sílabas, para remeter a um som e estabelecer efeitos sonoros específicos no texto. Trata-se de um recurso linguístico muito utilizado em poemas ou letras de música, mas também pode ocorrer em textos em prosa.



FICA DICA...

Exemplos de aliteração que as crianças falam brincando e divertem-se bastante.

Figura 21 - Aliteração⁸



O PINTO PIA, A PIA
PINGA.

O RATO ROEU A ROUPA DO
REI DE ROMA, O REI FICOU
RAIVOSO E RASGOU O
RESTO.

SABIA QUE O SABIÁ SABIA
ASSOBIAR?

8

Fonte:

Disponível

em:

https://www.google.com/search?q=+Post+com+o+rato+roeu+a+roupa...alitera%C3%A7%C3%A3o+&tbm=isch&ved=2ahUKewjIk57007f_AhXWr5UCHVWECY8Q2-. Acesso em 09 de jun. de 2023

(EI02EF02) Identificar e criar diferentes sons e reconhecer rimas e aliterações em cantigas de roda e textos poéticos.

Figuras 22 - Aliterações



Fonte:

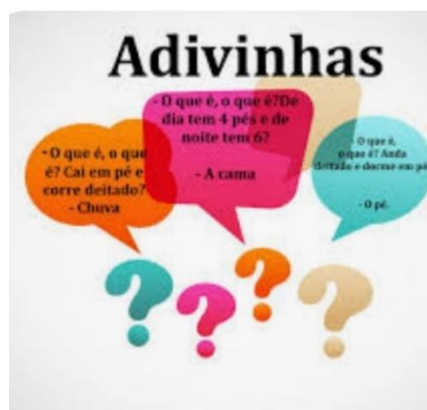
Disponível

em:

https://www.google.com/search?q=Post+papagaio+louro+do+bico+dourado...&tbm=isch&ved=2ahUKEwiwgo-O1Lf_AhV2kJUCHdAiCEMQ2- Acesso em: 09 de jun. de 2023

Selecionar adivinhações e trabalhar a oralidade com a turma:

Figura 23 - Adivinhações



Fonte:

Disponível

em:

https://www.google.com/search?q=Post+de+advinhas&tbm=isch&ved=2ahUKEwiW2rjh3Lf_AhXIB9QKHedNBxEQ2- Acesso em 09 de jun. de 2023

Fazer a pescaria e dentro do rolinho pode ter letras, palavras, frases para que a criança formule hipótese e expresse o que vê.

Figura 24 – Pescaria



Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/709176272557192939/> . Acesso em 09 de Jun de 2023

(EI01TS01) Explorar sons produzidos com o próprio corpo e com objetos do ambiente.

(EI01EF05) Imitar as variações de entonação e gestos realizados pelos adultos, ao ler histórias e ao cantar.

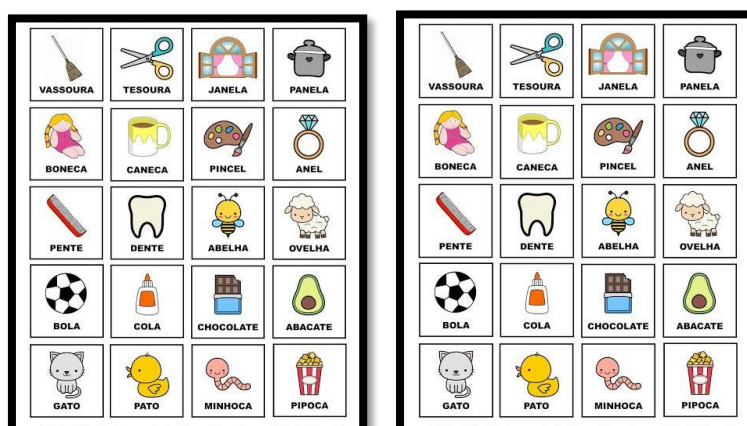
(EI01EF02) Demonstrar interesse ao ouvir a leitura de poemas e a apresentação de músicas.

(EI03EF02) Inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos.

(EI02TS01) Criar sons com materiais, objetos e instrumentos musicais, para acompanhar diversos ritmos de música.

Para explorar a discriminação visual e auditiva de forma prazerosa, segue um exemplo de jogo da memória para trabalhar as rimas em duplas ou em grupos na sala de aula e/ou em casa com a família.

Figura 25 – Jogo da memória



Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/796152040388437467/> . Acesso em: 09 de jun de 2023



FICA A DICA...

O dominó de rimas é interessante para trabalhar a atenção nas rimas para dar continuidade ao jogo.

Figura 26 - Dominó



Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/515099276147349309/>. Acesso em 09 de jun de 2023

(EI02CG01) Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras.

UNIDADE VI: CONSCIÊNCIA DE SÍLABAS



Falamos de sílabas. O que são sílabas?

Quantos conceitos (re)descobrimos, refletimos e (re)aprendemos! Dando sequência, precisamos pensar no sistema alfabético que precisa ser ensinado para que os alunos apresentem autonomia ao contextualizar o que foi aprendido.

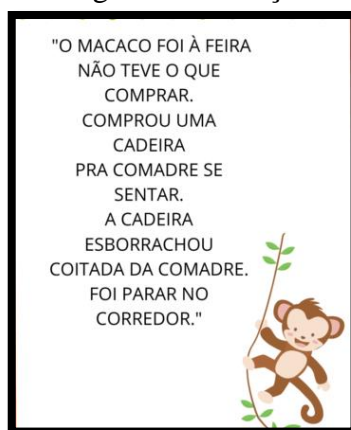
Os sons do “b” e o “p”, indica que eles são bilabiais, mas os sons são diferentes ao falar, como em “pato” e ao falar “bato”, vale a pena mostrar essas diferenças aos alunos.

A classificação das consoantes nos faz compreender os pontos de articulação, mas é preciso pensar que as consoantes só se tornam sílabas com as vogais. As vogais são mais fáceis de pronunciar, pois não apresentam pontos de articulações e nem os obstáculos para serem pronunciadas.



FICA A DICA...

Figura 27 - Canção



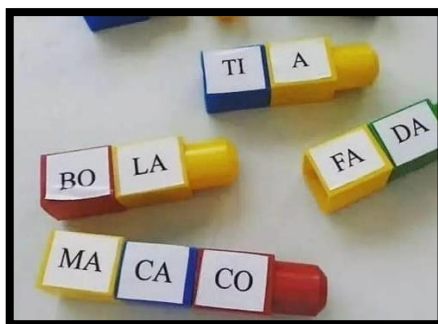
Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/14144186322164291/> . Acesso em: 10 de jun de 2023



MÚSICA

- ✓ Explorar a parlenda e cantá-la.
- ✓ Identificar a palavra MACACO.
- ✓ Montá-la.
 - Deixar a criança tentar montar e ler outras palavras que conseguem

Figura 28 – Montar palavras



Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/search/pins/?q=post%20jogo%20montar%20palavras&rs=typed> .
 acesso em 10 de jun de 2023

Podendo descobrir palavras mudando a letra inicial. E fazer uma lista de palavras que seguem o mesmo padrão.

Figura 29 - Palavras



Fonte: Disponível em: <https://www.espacoeducar.net/2016/08/atividade-de-alfabetizacao-jogo-do.html>. Acesso em : 10 de jun de 2023



FICA A DICA...

Uma maneira de explorar frases, palavras, sílabas e letras, sendo assim, a turma poderá classificar e organizar a escada da leitura, reconhecimento e distinguindo uma parte da outra, e compreendendo a classificação por partes e no todo. Esse é um trabalho que requer tempo e dedicação por parte do educador e dos alunos, porém auxiliará no processo de discriminação visual e auditiva no processo de leitura e escrita.



MÚSICA

Figura 30 – Canção Cachimbo



Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/476677941820515852/> . Acesso em 10 de Jun de 2023

- ✓ Explorar a parlenda e, posteriormente, fragmentá-la em frases, palavras, sílabas, letras e deixar uma cópia do texto.
- ✓ Explicar cada parte fragmentada e junto com a turma classificá-la.

Figura 31 - Fragmentação



Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/704531935480170716/> . Acesso em 10 de jun. de 2023



Podendo fazer com outros textos:

Figura 32 – Canção “A Casa”

A CASA
TOQUINHO E VINICIUS DE MORAES

ERA UMA CASA MUITO ENGRAÇADA
NÃO TINHA TETO, NÃO TINHA NADA
NINGUÉM PODIA ENTRAR NELA NÃO
PORQUE NA CASA NÃO TINHA CHÃO

NINGUÉM PODIA DORMIR NA REDE
PORQUE NA CASA NÃO TINHA PAREDE
NINGUÉM PODIA FAZER PIPI
PORQUE PENICO NÃO TINHA ALI
MAS ERA FEITA COM MUITO ESMERO
NA RUA DOS BOBOS, NÚMERO ZERO.

Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/510947520221114892/>. Acesso em 10 de jun de 2023



MÚSICA

Reconhecendo quantas sílabas têm em cada palavra, ou seja, o número de sílabas. Vale ressaltar que a atividade abaixo pode ser considerada um jogo e cada criança poderá ter sementes ou bolinhas de papel crepom para registrar a quantidade de sílabas.

Figura 33 – Jogo para contar sílabas



Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/1032872495771828583/> . Acesso em 10 de Jun de 2023



FICA A DICA...

O texto pode ser lido para os alunos de maneira normal e sem pausa, para que as crianças percebam que os espaços são necessários. Depois de explorar o texto no quadro negro ou no quadro digital, o educador deve mostrar aos alunos que em cada espaço, eles devem colorir, para que seja compreendido que ao escrever ou ler, precisamos de pausas. Essa atividade ajuda na orientação espacial e temporal no processo de alfabetização. Após trabalhar com a poesia rimada de Cecília Meireles, pode-se fazer o ditado das sílabas, as crianças gostam e aprendem as sílabas divertindo-se.

Figura 34 – Canção “A bailarina”



Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/22518066877752881/>. Acesso em 10 de Jun de 2023

Figura 35 - Ditado



Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/609323024596283074/>. Acesso em 10 de jun de 2023

Depois de trabalhar a consciência fonológica, aliteração e silábica vale pensar na consciência fonêmica. explorando os sons individuais e estimulando a habilidade de motricidade fina, sendo necessário ensinar os fonemas/letras para que as crianças compreendam e depois aprendam o traçado da maneira correta.

UNIDADE VII: CULMINÂNCIA



FICA A DICA...

O professor poderá fazer uma apresentação musical com algumas das cantigas da tradição oral presentes na sua cidade ou usar as que foram exploradas, culturalmente, na escola e na família, conforme sugeridas neste trabalho.



MÚSICA

- ✓ Organizar o convite escrita e desenho;
- ✓ Listar quais canções serão usadas;
- ✓ Selecionar as roupas, adereços e decidir a ornamentação;
- ✓ Preparar com as crianças o musical e levá-las a apresentar de forma suave, alegre e lúdica ajudando a vencer a timidez e dando autonomia em um momento de interação e socialização;
- ✓ Por fim, relatar como foi a experiência e registrar por meio de fotos, desenhos, textos, cantigas, rimas como foi o momento musical.

Lembrando que o educador e a turma poderão ter interesse em explorar outros textos da tradição oral, como poemas, trava-línguas, quadrinhos, parlendas, provérbios e adivinhações. Podendo realizar outro tipo de culminância, como sugestões: criar um varal cultural de quadrinhas, confeccionar animal com recurso não estruturado como resposta de uma adivinha, representar as parlendas com colagem de papéis variados, gravar as crianças, funcionários e familiares falando trava-línguas, declamar em jogral poemas, podendo variar ou criar outras sugestões.

Pode incluir a exposição da história da escrita com artes feitas pelas crianças, imitando esses povos e fazendo pinturas com tinta de terra, esculturas de argila, desenhos em pedras explicando oralmente e por escrito o que motivou a exposição e, assim, outras turmas conhecerão a história da escrita.



FICA A DICA...

Confeccionar sequência didática partindo de uma história conforme exemplo da história do “jacaré com dor de dente”.

1º) História: Leitura - Contar, recontar e explorar as rimas;

2º) Banco de palavras: selecionar as palavras chaves, ou seja, importantes, podendo ser dos animais, objetos e organizar para observações e exploração por parte do professor e dos alunos;

3º) Explorar os sons das vogais e completar as palavras;

4º) Relembrar o banco de palavras e ligar o animal ao seu nome correspondente;

5º) Identificar as imagens que têm o mesmo som como por exemplo: JA de JACARÊ;

6º) Relacionar as quantidades de palmas e articulação da boca;

Observação: O educador pode usar o modelo dessa sequência, explicada, para trabalhar cantigas de roda, parlendas, poesias, trava-língua, adivinhações etc.

PALAVRAS FINAIS

Prezado(a) Professor(a),

Neste caderno, encontram-se propostas de atividades que envolvem as práticas sociais da oralidade e do letramento em um processo de aprendizagem do sistema alfabético da escrita, ou seja, parte fundamental para a base da alfabetização. Sabemos que muitos alunos já manuseiam as letras e chegam à escola identificando-as. A interação família e escola traz bons resultados no desenvolvimento das habilidades da escrita e da leitura, dentro e fora do ambiente escolar.

Com essa pesquisa bibliográfica, percebe-se as habilidades linguísticas devem vir antes da alfabetização, por isso, todo o cuidado de explorar o conhecimento prévio das crianças, a consciência fonológica, a consciência de rimas, a aliteração, a formação silábica com base nos textos da tradição oral. Depois de todo esse percurso, a criança passa pelo processo de aprender o sistema de escrita alfabética, em um contexto enriquecedor de explorar os textos das tradições orais e o nome próprio de cada criança.

Diante disso, as metodologias que incorporaram as habilidades de escrita do sistema alfabético trouxeram dicas para (re)aprender o traçado dos fonemas explorados, por

meio dos textos das tradições orais. Entretanto, como todo o processo de ensino-aprendizagem demanda cautela, é necessário investigar as necessidades dos alunos, no que tange a consolidação da alfabetização em um contexto de práticas sociais do letramento e da oralidade. Mais vale a criança compreender o contexto que copiar um texto.

A partir do trabalho empreendido, sugere-se que este material sirva de apoio aos educadores e sugestões no dia a dia, por meio de atividades práticas, de modo a incorporar novas maneiras de ensinar e novas possibilidades de aprender.

9



Olá! Eu sou a Maria de Lourdes e vou apresentar a minha Banca!



Dra. Mauriceia, minha orientadora. Quero agradecer por ter sido meu suporte nessa caminhada do Mestrado. Você é uma professora organizada, firme, sábia e muito inteligente. Você merece todos os aplausos, aprendi muito com você. E sabe? Fui muito abençoada por ter você nos meus estudos acadêmicos. Gratidão!

⁹ AVATAR. Disponível no App do Celular: Dollicon Avatar



Dra. Rosângela e Dra. Raquel, quero agradecer a vocês que compuseram a minha banca com a maior maestria e excelência. Dedicaram tempo e avaliaram, juntamente com minha orientadora, da melhor forma possível. Fizeram contribuições relevantes e de muito valor acadêmico. Obrigada por vocês serem tão competentes no que fazem.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular.

CAIXA MUSICAL. Disponível em: [e629978388345d19848d9cde984f3c32 \(800x800\)](https://www.shopee.com.br/product/629978388345d19848d9cde984f3c32/800x800)
([shopee.com.br](https://www.shopee.com.br)) Acesso: 09 de outubro de 2022.

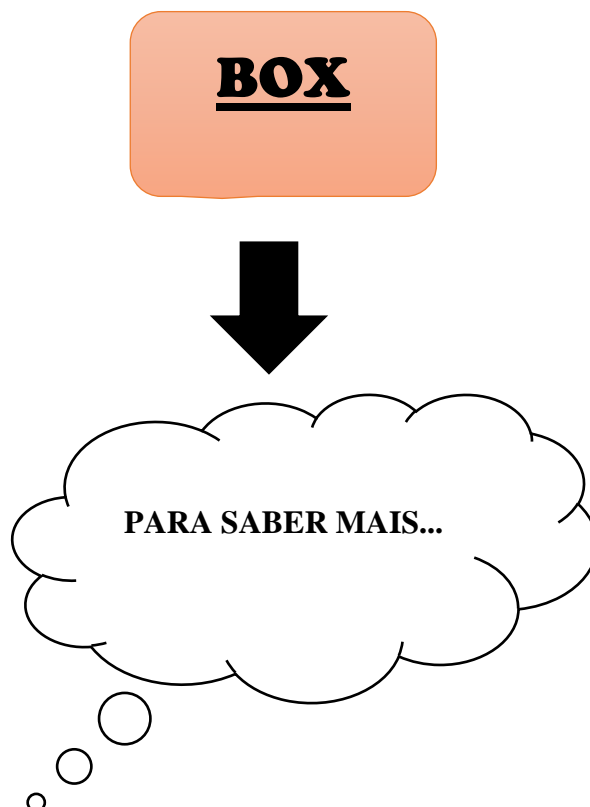
Educação, Jan-Abr, número 025. **Associação Nacional de pós- Graduação e Pesquisa em Educação**. São Paulo: Brasil, 2004. Pp.5-17.

PORTAL DOMÍNIO PÚBLICO. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>
Acesso em 08 de outubro e 2022.

SIMÔES, Darcilia. **Considerações sobre a fala e a escrita: Fonologia em nova chave**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SOARES, Magda. **Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e escrever**. 1ª ed., 2ª reimpressão.- São Paulo: contexto, 2021.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: as muitas facetas**. Revista Brasileira de.



A Invenção da Escrita (Escrita Cuneiforme, Hieróglifos e a Pedra de Roseta) História da Civilização. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tUWIpzYaKXwda>

Acesso em: 29 de maio de 2023

Acesse também pelo QR Code:

QR Code



Fala e Escrita - Parte 01. Disponível em:

https://www.youtube.com/results?search_query=escrita+e+a+oralidade+marcuche Acesso em:

29 de maio de 2023

Acesse também pelo QR Code:

QR Code



Da fala para a escrita com Marcuschi - parte 2. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=cXpcoAH5bC4&t=14s> Acesso em: 29 de maio de 2023

Acesse também pelo QR Code:

QR Code



90 de Magda Soares - Experiências e Histórias Homenagem da editora contexto e alguns amigos de caminhada.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jbdMme8SyZg> Acesso em: 29 de maio de 2023

Acesse também pelo QR Code:

QR Code

